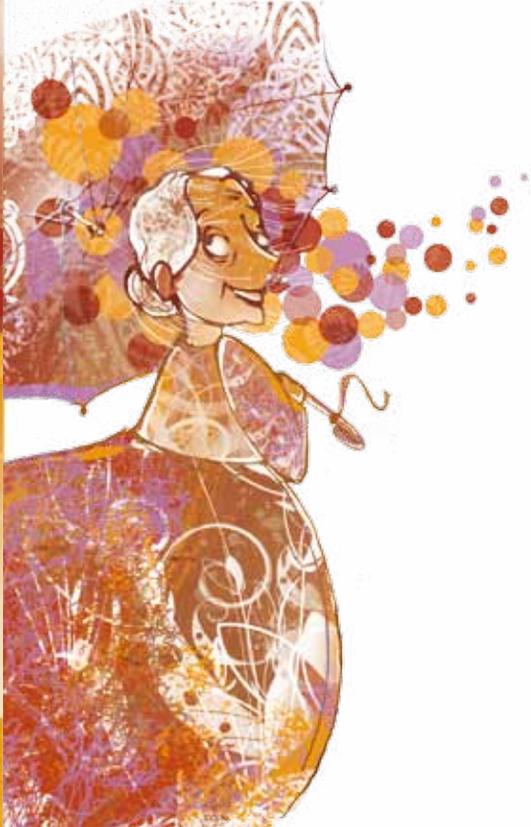


# Memórias literárias



As atividades para a construção dos textos de memórias literárias formam vínculos fortes e humanizados. É que para escrever esses textos os alunos estabelecem contato com uma pessoa mais velha de sua comunidade e ouvem as histórias, impressões e experiências de vida que ela tem para contar. A narrativa traz uma visão de mundo particular, em geral distante da realidade dos alunos, que são convidados a recriar o que ouviram, escrevendo um texto.

O lugar onde vivem – narrador e ouvinte – é objeto para a reflexão dos dois: daquele que lembra e daquele que pergunta para depois reconstituir o que é lembrado. Trata-se de uma ação que estabelece compromisso: “Eu conto a minha história; você a salva do esquecimento”.

Esse compartilhar de experiências, num encontro de gerações, está presente nos textos a seguir.

Um encontro permeado de memória e de espaço de vivência comum que reforça identidades.

Agora, você, leitor, poderá saborear as histórias escritas por alunos que foram conduzidos por professores numa viagem fantástica!

# Sumário

## Memórias literárias

- 60 Acorda, vem ver!  
Wanderley Williams Santos Silva
- 62 As águas do rio Sirigi  
Elias Antônio da Silva Filho
- 64 A minha cidade querida  
Francieli Mabel Villagra
- 66 A princesa dos campos  
Andressa Cristina Carneiro
- 68 Branca lembrança de uma infância  
Gizeli Alves de Oliveira
- 70 Como nos velhos tempos  
Taynara Leszczynski
- 72 Como viver  
Marlete Littig
- 74 Com os olhos do coração  
Nicole Aparecida Andrade da Silva
- 76 Da escuridão para o colorido  
Évelin Cristina Nascimento da Silva
- 78 De retirantes a amantes  
Eduardo Carneiro Freire
- 80 Chão varrido  
Eduarda Moura Pinheiro
- 82 Do canto ao conto  
Jerônimo Pereira de Lima
- 84 Engenho da minha infância  
Mariana Pedrosa Alves

- 
- 86 Entre baldes e fantasmas  
Sabrina de Souza Rozado
- 88 Gotas de chuva... leve barulho da saudade!  
Saionara A. Sant'Ana dos Santos
- 90 Histórias de um avô  
Maciel Rodrigues de Sousa Júnior
- 91 Saudoso recanto  
Lesly da Silva Massalino
- 92 História que o tempo não apaga  
Aline Cristina dos Santos
- 94 Histórias, um poema, uma canção  
Edson Liberato Pereira de Araújo
- 96 Vó Neuza e as histórias do Vale Feliz  
Sarha Dias Hottes
- 98 Lembranças da nova capital  
Joyce Hellen Braga de Jesus
- 100 Lembranças que não se apagam  
Bruna Elisa Lasch
- 102 Lembranças que o tempo não apagou  
Danley Dênis da Silva
- 104 Luz, fé, sabor e ação  
Priscilla Nicola Silva
- 106 Memórias de um ribeirão  
Daniele Oliveira Cunha
- 108 Minha infância  
Rayane Ferreira Santos
- 110 Minha vida de menina  
Cícero Augusto Carvalho Abreu
- 112 Moinho das saudades  
Brunna Eloísa Coletto
- 114 Olhar distinto  
Bruna Menezes Carvalho
- 116 O guardião da estação  
Ian Azevedo de Oliveira
- 118 O pulsar da vida no cair da tarde  
Isla Magda Moura do Nascimento
- 120 O sonho vermelho  
Deisy Luana Teixeira de Souza
- 122 Rainha do carnaval  
Munike Carvalho
- 124 Reconstruindo espaços através da memória  
Franciele de Castro Sehn
- 126 Revirando o bú  
João Pedro de Santana Silva
- 128 Trilhos de um pé vermelho  
Andréia Marinho de Sousa
- 130 Uma história de saudades  
Kellen Cristina Felipe do Nascimento
- 132 Um cantinho da minha cidade, um patrimônio real  
Louise Barbosa de Souza

# Acorda, vem ver!

Aluno: Wanderley Williams Santos Silva

Há alguns dias, durante a madrugada, ouvi um enorme barulho na porta de casa. Eu pensei que havia alguém brigando, corri e chamei meu pai. Imaginei que ele iria chamar a polícia, mas foi até a cozinha e pegou um litro de refrigerante, uma pequena quantia em dinheiro e abriu a porta. Fiquei muito assustado, mas pude observar que meu pai tinha entregado o dinheiro e a bebida a um dos homens que estavam em minha porta e todos saíram felizes de casa em casa. Eu perguntei o por quê, e ele me respondeu com um belo sorriso que era só uma brincadeira.

Depois de alguns dias vi o homem a quem meu pai havia dado o dinheiro e perguntei-lhe por que nos acordou com aquele tipo de brincadeira em plena madrugada, e ele decidiu me contar:

Tudo começou há quarenta e cinco anos, com o nascimento do meu irmão Nias. Meu pai, muito feliz com a chegada de mais um filho, decidiu comemorar: reuniu alguns amigos, os quais trouxeram zabumba, sanfona e triângulo e saíram todos de porta em porta acordando os demais com uma enorme cantoria, acompanhada de instrumentos musicais e muitos fogos. Afinal, não estava comemorando somente o primeiro dia de vida do meu irmão, iniciava-se também o mês de comemoração dos santos juninos. Muito alegre e acompanhado pelos companheiros, meu pai cantava:

*Acorda, vem ver  
vem ver recordação.  
Acorda o povo todo,  
hoje é primeiro de São João.  
O primeiro de São João,  
é dia de alegria,  
brincam homem e mulher  
até amanhecer o dia.*



Segundo meu pai, naquela época, alguns levantavam assustados e enfurecidos por terem sido acordados, mas tudo era explicado com uma enorme cantoria.

*Meus amigos, me desculpem  
por ter vindo lhes acordar.  
Hoje é primeiro de São João,  
vamos juntos comemorar.*

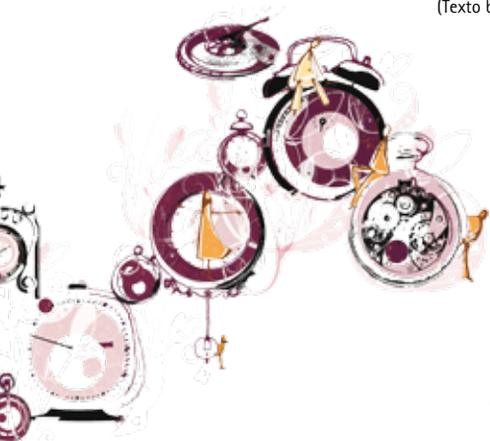
Depois de muita explicação cantada, alguns deram dinheiro para comprar bebidas e outras coisas para a comemoração e a maioria juntava-se ao grupo, que saía cantando.

Tudo terminou com um belo café da manhã preparado com o que fora arrecadado durante o cortejo. Após o café, aos poucos, todos iam embora, mas ficou a promessa que tudo iria se repetir no ano seguinte. E assim foi feito.

Todos os anos, após a meia-noite, iniciava-se a brincadeira, a qual passou a fazer parte dos festejos juninos de nossa cidade e ficou conhecida por todos como “Acorda, vem ver!”.

Depois de alguns anos, meu pai faleceu. A pedido dele e da comunidade continuei com aquela tradição, a qual é sempre esperada por todos na cidade.

(Texto baseado na entrevista feita com o sr. José Paulo dos Santos, 39 anos.)



# As águas do rio Sirigi

Aluno: Elias Antônio da Silva Filho

No maravilhoso e tranquilo Engenho Pirauá passei grande parte de minha vida. Recordo-me de que jogávamos bola às margens do enorme rio Sirigi que corta a cidade de Aliança. Esse rio foi muito importante em minha vida, pois era a nossa principal fonte de diversão e renda. Era sua vida que mantinha a nossa vida. Sobrevivíamos tirando as areias que nele repousavam e vendíamos aqui em Aliança e depois do trabalho descansávamos em suas águas claras e fresquinhas.

Oh, saudoso rio Sirigi, tuas águas alimentaram meus sonhos e minha realidade!

Hoje fico triste ao olhá-lo: suas águas estão escassas e poluídas. E as pessoas não mais o têm como tesouro.

Lembro-me ainda claramente de mamãe atravessando o rio para me levar à escola, que por sinal era bastante modesta. Ao se despedir, ela sempre dizia: “Boa aula, meu filho! Sei que você é muito inteligente e vai me dar muito orgulho!” Mas eu não era exatamente assim. Aquilo de que mais gostava era da hora da merenda. Depois, pulava o muro da escola, voltava às refrescantes águas do Sirigi. Lá, eu ficava tomando banho até dar a hora de ir para casa. E a sensação que tinha naqueles momentos era que estava em um sonho do qual jamais queria acordar. Hoje me arrependo daquelas fugas da escola!

Ao voltar para a minha humilde casa de taipa – feita de madeira e barro – caminhava direto para o pé de manga e me lambuzava naquela fruta deliciosa. Demorava-me horas entre as folhas daquela mangueira. Esquecia-me de tudo: do trabalho pesado, da escola e de todos os momentos de sofrimento. Sentia-me como um passarinho repousando no ninho e só despertava ao escutar a doce voz de minha mãe chamando para jantar.

Recordo-me da alegria das festas de São João. Esperava por elas o ano inteiro. Nesses dias, acordávamos cedo para colher milho no quintal e ajudar na produção das comidas. Lembro-me de que quando mamãe desviava o olhar colocávamos o dedo na panela para provar aquelas delícias. Adorava ajudar a fazer pamonhas e canjicas... Acho até que isso me

fez trabalhar vendendo aquelas delícias de minha infância (hoje faço comidas típicas de milho para vender). À noite, nos arrumávamos para o forró: as meninas, todas de tranças, parecendo bonecas de milho; nós, homens, fazíamos bigodes com pedras de carvão para impressionar os brotinhos. A sanfona e a zabumba começavam a tocar e o coração da gente disparava, pois chegava a hora da paquera. Ao som alegre da sanfona, dançávamos bem agarradinhos e confessávamos ao pé do ouvido os segredos mais íntimos. A noite ia embora e o forró continuava até os raios do sol aparecerem. Que saudades daquele tempo!

Ainda me lembro de que um dia, eu menino já grande, enquanto caminhava pelas imensas terras do engenho, achei uma passagem de trem. Nem acreditei. Era felicidade demais! Pois o sonho de todo menino de engenho era viajar naquela máquina puxada pela maria-fumaça. Não disse a ninguém o meu achado. Naquela noite nem dormi, de tanta ansiedade. No outro dia, cedinho, acordei e fui para a estação esperar o trem. Quando o avistei de longe, meu coração disparou e bateu tão alto quanto o apito que saía dele. Entrei, sentei e o sonho começou...

O deslizar suave pelos trilhos me proporcionou uma sensação que jamais esqueci: o vento batia em meu rosto, acompanhado de uma visão maravilhosa. Passavam por mim casas, animais, árvores, pessoas... Para onde me levaria não perguntei, não queria saber. Estava fora de mim. Porém, algo me trouxe de volta à realidade: avistei meu rio Sirigi, distante de mim. Naquele momento surgiu um grande medo e comecei a chorar. Queria voltar para o meu rio, porque ele era a minha vida.

Rio e trem são lembranças que jamais sairão de minha memória.

(Texto baseado na entrevista feita com o sr. Luiz Fábio Barbosa da Silva, 48 anos.)

# A minha cidade querida

Aluna: Francieli Mabel Villagra

Conversando com a minha avô, fiquei sabendo mais sobre a sua vida.

Quando cheguei a esta terra, ainda adolescente, vinda do sertão nordestino, estranhei muito: as comidas diferentes, o sotaque, muitas coisas que eu conhecia com um nome aqui tinham outros.

Meu pai era agricultor, logo arrumou emprego numa fazenda bem próxima, e minha mãe era professora; ela bordava muito ponto cruz, que era moda; as vizinhas encomendavam e ela fazia. Nas horas de folga dava aulas particulares para algumas crianças cujas mães a procuravam por não ter uma escola por perto.

Era uma vila, com um canal ao redor das poucas casas que existiam e muitos plantios de mandioca. Como era difícil transitar nos dias de chuva! Mas isso não impedia nossos passeios.

Aqui moravam poucas famílias, somente as duas primeiras fundadoras e proprietárias do local.

Diversão no local não existia, tínhamos que nos deslocar até a cidade vizinha para as festas do padroeiro ou quermesse (festas juninas), que eram as mais frequentadas pelas famílias. Outra diversão era ir ao cinema de seu Antônio, que trazia os filmes da capital e passava para os poucos habitantes existentes. Lembro-me bem de *Love story* e *A lagoa azul*. Como eram bonitas as histórias de amor contadas naquele tempo! Lembro-me do Charles Chaplin, que era muito engraçado, a gente dava muitas risadas com seus trejeitos.

Foram chegando famílias de outros Estados e construindo suas casas e montando seu comércio. Primeiro, foi a marcenaria de seu Honório, gaúcho, que começou a fazer móveis, cada um mais bonito que o outro. Depois, seu José e d. Zezinha, que montaram um armazém onde encontrávamos muitas coisas. Lá comprávamos para pagar no final do mês, quando o meu pai recebia o salário, mas para isso tínhamos uma caderneta em casa, onde minha mãe controlava tudo para não ultrapassar o ganho de meu pai e ainda sobrar para comprar roupas e calçados para todos.

A cidade foi crescendo, e foi criada uma escola, onde a primeira professora foi minha mãe, d. Elza. Tinha somente uma sala de aula, e foi lá onde terminei o primário. Também foi nessa época que conheci o meu primeiro namorado. Estudávamos na mesma série e começamos a “flertar”, que era como se chamava a paquera de antigamente. Ele havia chegado de São Paulo com seu pai, que comprara uma fazenda pertinho daqui, mas demorou pouco, resolveu ir embora para estudar.

Como era saudável o namoro daquele tempo. A gente trocava bilhetinhos amorosos; também brincava de passar o anel. Fazíamos um círculo e uma pessoa ia passando o anel e só o deixava cair na mão de quem gostasse mais. Era uma brincadeira simples, mas, para nós, divertida.

A vila cresceu rápido, virou cidade, e logo foram construídas escolas municipais, estaduais e particulares. Também foi quando apareceu um italiano que construiu uma indústria de farinha de trigo que depois passou a fazer macarrão, arroz e biscoito. Esta trouxe muitas famílias para trabalhar aqui, e a população foi aumentando. Daí veio a necessidade de mais casas, e apareceram os conjuntos habitacionais, e hoje temos esta cidade bonita e acolhedora.

Formei-me no magistério e comecei a lecionar em uma das escolas estaduais, depois fiz o curso de matemática e continuei como professora. Um dia chegou um rapaz para a vaga de português. Ele era muito sério, mas simpático. Fui a primeira a puxar conversa com ele, ficamos amigos e depois começamos a namorar, foi pouco tempo de namoro. Naquela época o rapaz não podia “alisar banco” por muito tempo e logo nos casamos. Tivemos dois filhos, que nos deram quatro netos.

Hoje estamos aposentados, tenho 65 anos e ele, 70. Passeamos na casa dos filhos, e estamos muito felizes com a família que construímos, com a vida que temos e com a cidade em que vivemos, porque ela nos acolheu como filhos e passamos a amá-la como se fosse a nossa terra natal. Por isso a chamamos de “minha cidade querida”.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Dulce Pereira Melo, 65 anos.)

# A princesa dos campos

Aluna: Andressa Cristina Carneiro

A vida em Tatuí sempre foi muito tranquila, ainda mais para mim, que sempre vivi num pequeno sítio do bairro dos Mirandas.

Minha casa era uma construção bastante antiga, do tempo dos escravos, ainda feita de sapê e barro.

Papai, nessa época, trabalhava numa lavoura de algodão, uma imensidão de terras cobertas por um branco sem fim, que pareciam mesmo campos repletos de neve.

Nessa época, tudo era mais difícil. Além de ajudarmos na lavoura, tirávamos água do poço para nossas atividades domésticas. O banheiro ficava fora, era uma latrina: no chão, assim rústica, um buraco, onde cada “passeio” era uma excitação mental extraordinária.

A cada dia, o passeio até o banheiro era uma surpresa diferente, mas havia sempre uma especial: Josué, que estava sempre lá. Ele era alegre, cantava sem parar, me fazendo companhia e afastando a magia fantasmagórica das trevas noturnas.

E antes que eu esqueça... preciso lembrar que Josué era um sapo, muito grande, verde, de olhos esbugalhados. Por muito tempo foi meu amigo mais fiel, até que conheci um novo mundo – o da escola.



Como nosso bairro era muito pequeno, não tinha escola, e os patrões de meu pai achavam importantíssimo que eu tivesse estudo. Assim, decidiram que meu pai me levaria todos os dias de carroça para a cidade e eu achava tudo isso a mais incrível aventura, como as das novelas do rádio, que ouvíamos na época.

Sentia-me como uma princesa ou uma heroína do velho oeste em cima da velha carroça, recoberta com um pelego bastante quente, que nos dias de frio me aquecia e nos de calor me acalorava ainda mais.

O primeiro dia na escola foi algo bastante incomum, todos se conheciam, pois, como diziam, moravam na cidade, e eu... com meus pés sujos de terra vermelha, roupas simples, sem uniforme, e uma sacolinha de pano, onde levava a minha merenda: pão feito pela minha mãe, recheado com banana, e o mais puro leite numa garrafinha de vidro.

Transformei-me logo no alvo da risada de todos, eles não compreendiam que eu vinha de longe e que tudo isso era o melhor que podia ser conferido a nós que morávamos no sítio.

Estava deslocada, um passarinho fora da gaiola. A professora d. Lígia, vendo-me acuada, tratou logo de reverter a situação, acolheu-me como mãe. Contou que também morava num sítio e pediu-me um pouco do meu lanche e o saboreou como um banquete.

Por um momento, foi como se o mundo tivesse parado, todos atordoados com os acontecimentos. Nem podiam acreditar, pois a professora que nunca mostrava afeição por ninguém estava bem ali do meu lado, como uma velha e querida amiga.

Desse dia em diante todos passaram a me respeitar, não mais me esquecia de chegar à cidade e limpar os pés, trocar os sapatos e escondê-los na árvore defronte da escola para que nunca mais meu lugar ficasse cheio da terra vermelha, terra de que tanto me orgulhava no caminho feito de carroça conduzida por papai, com o dia claro ou com as luzes dos velhos lampiões a gás.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Bernadete Poles André, 58 anos.)

# Branca lembrança de uma infância

Aluna: Gizeli Alves de Oliveira

Naquela época, o carreirinho que ia à igreja já estava branquinho de neve, como se tivesse chovido algodão sobre a mata ainda virgem. Os galhos dos pinheiros – até os mais fortes – quebravam devido ao peso da neve. Os barrancos ficavam todos cobertos por uma manta branca e suave, formando um verdadeiro escorregador. Fazíamos bonecos de neve com nariz de cenoura, braços de galhos secos e uma panela velha como chapéu. Foi a nossa maior diversão!

Contrastando com a neve, estava o marrom carnado do pinhão no chão. Pinhão, tinha bastante! Por isso era pinhão no almoço, na janta... Como a comida era pouco diversificada, a gente dava graças quando tinha alguma coisa diferente. O pinhão dava um sabor a mais a nossas refeições!

A gente sabia que o pinhão só dava no inverno, mas queria catar pinhão o ano todo. Ah, que saudades daquela época em que a gente fazia o sapecado! O pinhão quentinho e o chimarrão eram nossos tesouros, nossa tradição...

Velhos e bons tempos eram aqueles!

Namoro? Só com o pai no meio de nós dois, mesmo nós sabendo que não podíamos nem pegar na mão! Os bailes eram bonitos e nos clubes Guarani e 1º de Janeiro eram agitados, uma alegria só! Quando os casais começavam a dançar, todo mundo aplaudia, com muito respeito. Respeito, por sinal, era a marca registrada daquela época.

A escola não era tão fácil, assim como é hoje. Não podia olhar para o lado que a professora já dava a palmatória. A temida e respeitada palmatória! Talvez, devido a ela, havia mais respeito com os pais, com os professores e com as pessoas mais velhas. Bastava uma olhadinha e nós já sabíamos o que era!



Tenho saudades daquele tempo, do sabor do pinhão e da suavidade da neve que quando passava deixava tudo com um inesquecível gosto de “quero mais”...

Nessa cidade, que hoje não é mais tão pequena, e é bastante diferente da Santa Cecília de antigamente, eu morei e moro até hoje, relembando o passado. E é de onde não quero sair, porque é para mim o meu cantinho gelado, mas o melhor para viver, enquanto existirem as lembranças dessa terra de alma suave como a neve e imponente como a araucária.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Isaura Grimes dos Santos, 78 anos.)

# Como nos velhos tempos

Aluna: Taynara Leszczgynski

Os momentos passam, as pessoas se vão, a vida muda, o progresso aumenta, e de minha tão amada época só ficaram lembranças. Minha casa era pequena, um berço de humildade, construída com madeira lascada de pinheiro, não existia energia elétrica, tínhamos apenas um lampião de querosene. Éramos pobres, mas vivíamos num lar feliz, apesar das dificuldades em até conseguir o que comer.

No quintal havia um paiol onde guardávamos o pilão, feito de um tronco de madeira maciça escavada, onde socávamos amendoim para fazer paçoca. Tinha também o monjolo d'água e a jorna, que usávamos para fazer farinha e quirera.

Sempre após as chuvas minha mãe ia plantar na horta. Eu a acompanhava, levando a enxada, para ajudar a capinar. O cheiro de terra molhada e o azul do céu se misturavam com as cores dos ipês, despertando magia, e formavam uma aquarela de fantasia, que tomava minha mente e fazia de mim um pássaro, um menino livre, pronto para realizar meus sonhos.

Mal via a hora de chegar o domingo, reunir meus amigos, esquecer do mundo e brincar. Nossas brincadeiras eram simples, porém muito divertidas. Brincávamos de trilha, bôlica, esconde-esconde, pular corda, lenço atrás, peteca feita com pena de galinha e palha de milho, bocha com bola feita de tronco de varaneira e carrinhos feitos de tabuinhas.

Às vezes meu pai e minha mãe iam passear à casa de meus avós. Eu e meus irmãos íamos junto. A viagem durava o dia inteiro, o percurso era longo, a estrada, cercada por uma bela mata ainda pura. Quando a escuridão já tomava seu lugar, chegávamos. A lua clareava o céu, meu pai fazia uma fogueira no meio do terreiro, eu e meus irmãos puxávamos uns bancos e sentávamos todos em volta da fogueira, observando as estrelas e escutando as piadas, prosas e causos contados por meu avô.

Quando alguém adoecia, minha avó preparava seus chás; se não estivessem fazendo efeito, meu pai calçava alpargatas e esporas, colocava os arreios no cavalo, e saía a galopar em busca de curandeiros ou benzedoras. Para ir mais rápido, ele e seu tordilho iam pelos carreiros do meio da mata, percorriam longos caminhos até chegar ao destino.

Em meio a tantas dificuldades, até hoje moro na cidade de Santa Maria do Oeste, as barreiras aos poucos foram sendo enfrentadas e, com muita luta, vencidas.

De minha juventude, recordo-me bem; jogava truco e pife nos torneios. Nos bailes, chimangos e quermesses podiam se ver todos os rapazes e as mocinhas embalados pelo vaneirão e fandango. Eu tocava gaita, sanfona, fazia chorar a viola, fazia gemer o fole da cordeona. Minha felicidade era ver a animação do povo, cantando, dançando, divertindo-se.

Hoje minha alegria é sentar no banco da varanda e tomar meu chimarrão. O vento assovia e traz a saudade que me faz lembrar de minha querência, de minhas raízes, de minha religião.

Lembranças que estavam adormecidas aos poucos vão despertando e renascendo em mim como em um filme. A magia se mistura com a saudade e por um instante sinto como se ainda fosse criança. Mas eis que um forte impulso me puxa. É a realidade que me avisa: “O passado não vai voltar”. Vejo então que toda essa fantasia é fruto da imensa saudade que teima em me perseguir.

E, como dizia uma velha música, “meu chapéu é de palha, meu chicote é de couro. Sim, sou caipira filho de canarinho, neto de sabiã”. Guardo essas minhas histórias em minha memória dentro de meu coração, pois espero que nossa cultura não morra e que se renove de geração para geração. Coisa rara em meio a tantas evoluções. Só desejo que o progresso não mate nossos sentimentos, nem domine nossos corações.

(Texto baseado na entrevista feita com o sr. José Leszczynski, 66 anos.)

# Como viver

Aluna: Marlete Littig

Às vezes minha mente flutua no universo e para exatamente na minha infância.

O calor das minhas cobertas era interrompido por uma manhã gelada. Com apenas metade de um olho aberto pensava que estava viajando entre as nuvens. Infelizmente era só a neblina que tentava engolir minha casa. Ao sair da cama já sentia o cheiro do café, que, ao entrar no meu nariz, esquentava meu corpo e até tirava o frio das minhas veias. Na varanda o café descia pela minha garganta em goles rápidos. Olhando para onde eu pensava ser o começo do mundo, via o sol chegando e as pequenas gotas de água que evaporavam devagar da imensa mata que parecia tocar as mais altas nuvens no céu; o córrego dentro da mata corria devagar... Pertinho de casa, do outro lado do terreiro, tinha pés de laranja e de jabuticaba, que pareciam bolas de gude.



Todos os dias saía de casa correndo rumo à escola que ficava bem, bem longe... Uma grande aventura, mas para meus irmãos menores era um desafio de seus medos, por passarmos em um estreito caminho dentro de uma mata sombria. As marcas do longo caminho ficavam no meu ombro pelo peso do embornal (sacola que era como uma mochila na época, feita em casa pelas próprias mães). Sempre na volta da escola um inimigo me perseguia: o sol – que sufoco!

Eu e meus nove irmãos precisávamos ajudar nossos pais na roça. Apesar de o trabalho ser duro, nunca reclamei, pois eu não gostava de contrariar meu pai. Quando chegávamos a casa, após um demorado dia na roça debaixo daquele sol forte, sô pensava em uma coisa: descanso!

À noite, depois de um banho que aliviava meu cansaço e de ter saboreado a comida preparada por mamãe no fogão a lenha, ia me deitar. A fumaça que a lamparina a querosene produzia poluía meus pensamentos, a última chama antes de ser apagada incendiava meus sonhos!

Hoje, não sei o que sou, ou o que eu fui, mas tenho certeza de que fui e sou muito feliz! Apesar das inúmeras dificuldades que enfrentei, nunca desanimei. Agora as coisas são bem mais fáceis, mesmo assim as pessoas não dão valor à vida. Percebo, sou feliz por sempre saber viver!

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Anna Tschaen, 82 anos.)

# Com os olhos do coração

Aluna: Nicole Aparecida Andrade da Silva

Dizem que os olhos são o espelho da alma. Fora as rugas do meu rosto, são os meus olhos que trazem de volta de forma quase mágica, setenta e seis anos de um passado cheio de alegria, tristeza e luta.

Sou Maria, não uma Maria “cheia de graça”, mas cheia de história!

Nasci no interior de São Paulo, em Santo Antônio do Pinhal. Passei a minha vida inteira em um bairro chamado Renópolis, que hoje traz poucos vestígios do passado, exceto as estradas de terra, que trazem de volta, no cheiro da poeira, meus tempos de outrora.

Nasci em uma família humilde de oito irmãos. Fui uma criança que teve mais trabalho que diversão. Naquele tempo, os meninos aprendiam desde cedo a trabalhar na roça, e as meninas, a cuidar dos deveres de casa. Lembro-me, como se fosse hoje, de que, com apenas dez anos, eu subia em um banquinho de madeira feito pelo meu pai para alcançar o fogão a lenha e fazer o almoço para meus pais que vinham famintos da nossa plantação de verduras e frutas.

Acreditem, naquela idade eu já lavava a roupa da família inteira à beira do rio, que era o ponto de encontro de todas as lavadeiras do bairro. Naquela época, as águas eram tão cristalinas que conseguiam refletir a imagem perfeita da menina franzina que eu era. Hoje, o mesmo rio, que lavava a minha alma cheia de sonhos, já quase não existe mais, vítima do descuido e da erosão causada pelos moradores.

Que tempos aqueles! Sinto saudade das brincadeiras entre mim e meus irmãos, ao cair da tarde e início da noite, onde o cenário perfeito para nossa imaginação era a nossa casa de barro, o céu e a luz da lua. Era assim que nossa infância era iluminada, pois a luz elétrica ainda era um sonho distante.

Enquanto brincávamos minha mãe preparava, com mãos de fada e à luz de lamparinas – lâmpada com pavio abastecido com querosene –, o delicioso doce de goiaba com frutas colhidas de nossa própria plantação. Aquilo era fruto proibido para nós, porque era com o dinheiro da venda que a minha mãe comprava sapatos e tecidos para fazer nossas roupas. Para as meninas, ela comprava a chita – tecido simples, barato e extremamente

colorido, que atualmente é usado em festas juninas e carnavais. Era um pouco transparente, e lembro que isso me incomodava.

E foi nessa explosão de cores que nasceu uma nova Maria, a menina que trocou as bonecas de pano pelo brilho do *rouge* e do batom cor de carmim – maquiagem muito usada no meu tempo de mocinha.

Casei-me muito cedo, pois naquela época as meninas já nasciam com um único destino – casar e ter filhos. E muitos filhos! E por isso muitas não estudavam e poucas aprendiam a escrever o nome. É, os tempos mudaram! Hoje as moças se casam com a idade em que eu já era avó.

E foi assim que Deus me deu seis filhos, dos quais cuidei como pedras preciosas na mesma terra onde nasci. Passei por muitos apuros. Depois de um dia inteiro de trabalho na roça, passei muitas noites em claro bordando blusas de lã para vender em Campos do Jordão – cidade turística de clima muito frio. Meu Deus, eu ia a pé, já que o meu bairro fica próximo a essa cidade. Tudo isso para economizar o dinheiro do bondinho, trem que até hoje faz o mesmo percurso e cujo preço da passagem era bem “salgado” – como chamávamos, naquele tempo, o preço alto.

Graças ao meu amor de mãe, que não poupou nenhum tipo de sacrifício, formei duas filhas professoras. Que orgulho! Antigamente, ser professora era uma profissão de destaque. Não é como hoje, uma profissão tão desvalorizada.

Mas, infelizmente, a vida e o tempo nos dão bens preciosos e permitem que os percamos também. Há dezessete anos, perdi um dos meus orgulhos, a Vera – minha filha mais velha. Acho que enterrei com ela uma parte do meu passado, e, como consequência do meu sofrimento, perdi a visão, resultado de uma diabetes emocional.

Hoje o mundo me parece obscuro, muito do que fui já não existe mais. Da minha janela, viajo no tempo. Sinto o cheiro da poeira e de tudo o que plantei neste chão!

E é assim que consigo ser feliz de novo, porque passei a enxergar a vida com os olhos do coração!

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Maria José dos Santos, 76 anos.)

# Da escuridão para o colorido

Aluna: Évelin Cristina Nascimento da Silva

Tristeza! É o que sinto quando abro meus olhos e vejo a mais terrível escuridão, que não cessa. O único remédio é fechá-los e deixar-me levar pelas lembranças.

Lembro-me como se fosse ontem: bem cedinho, o sol não havia nem acordado ainda, eu já estava na estrada da minha cidade Santa Branca que nem asfaltada era, pura terra, com uma brochura e alguns lápis dentro de uma sacolinha de arroz – pois nossa vida era difícil e papai só ganhava o suficiente para não morrermos de fome e frio. Enquanto caminhava, a poeira batia em meus olhos e os fazia ficar cheios d’água.

Eu ia cantarolando que nem um sabiá até chegar à escola Barão de Santa Branca, hoje bem conhecida na cidade e antigamente a única. Recordo-me de que lá havia um muro para meninos e meninas não ficarem misturados. Bobagem! Ai de nós se tentássemos olhar para elas... A régua cantava na palma de nossas mãos, parecia que os professores sentiam prazer em fazer isso, eram rígidos demais.

Assim que saíamos da escola, eu e meus amigos íamos nadar atrás da fábrica de trigo, que hoje não existe mais – nem a fábrica, nem as águas limpas. Depois íamos jogar bola atrás do mercado municipal, onde hoje é o posto de saúde. Ficávamos parecendo tatus, a terra grudava nas roupas e na pele molhada. Depois disso dávamos mais um pulo na cachoeira, pois se chegássemos assim em casa a vara de amora era o presente para nossas pernas.

O mais engraçado era ver d. Dolores dirigindo. Se surgia uma nuvem de poeira, podíamos ter a certeza de que era ela com seu Chevrolet. Afinal, era a única mulher de Santa Branca que dirigia.

Não posso me esquecer dos cortejos: a cidade inteira seguindo um caixão, sem saber quem estava dentro. Havia uma banda que tocava para o defunto e ele tinha direito até a foto. Dá para acreditar nisso? Mamãe me dizia para não dar risadas nem ir ver o rosto do morto, principalmente se fosse gente ruim, senão ele poderia voltar para assombrar. O sino

da delegacia tocava pontualmente às 21 horas para todos se recolherem, era uma época bem perigosa. De noite a cidade era iluminada por lampião de querosene – isso a deixava mais sombria.

Foi minha melhor época, mas hoje sou velho, e a cegueira tomou conta dos meus olhos. Tenho saudade do colorido que hoje só vejo em minha mente através das lembranças do passado. Escuridão é o que eu vejo, mas jamais sairá de mim a magia de recordar.

(Texto baseado na entrevista feita com o sr. Sarkis Ramos Alwan, 41 anos.)



# De retirantes a amantes

Aluno: Eduardo Carneiro Freire

Defronte a minha casinha de taipa eu via se perder na imensidão da areia da caatinga o azul do céu, misturando aos poucos pés de caju, uma mistura feita de cores sob o sol abrasador, daquele sertão tão seco.

Isso aconteceu nas eras de 50, quando a seca castigava sem pena e sem dó o nosso povo.

Saímos de lá pelas “varedas”, arruadiados de paus secos, onde os jumentos abriam caminhos por entre os xiquexiques já amarelados pelo sol escaldante, onde o único verde que restava era um juazeiro, sob o qual colocamos nossos objetos, armamos nossas redes encardidas e sujas por não ter água para lavar.

Ali naquele descanso meu pai abriu um pote de barro com farinha e rapadura, que comíamos com uma gula infinita. Meu pai regrava a comida, lembrando-se dos dias vindouros.

Éramos os chamados retirantes que na estrada sem fim, de poeira e terra seca, encontrávamos outros que iam e vinham em busca de uma vida mais farta.

Em meio aos jumentos, cangalhos, caçuãs (espécie de bolsa de couro que os animais carregam) e traçalheiras, vi um rosto triste, mas de olhos grandes e pretos, como a graúna (que já não existia mais no sertão). Era meu amor, que encontrei diante de tanta miséria.

Conseguimos enfim nos salvar daquela seca medonha e nos casar quando a chuva chegou.

Nosso amor não era seco como nos tempos passados, era meloso como o mel que a jandaíra (abelha) fazia nos galhos da umburana que ficava no terreiro da nossa casa, também de taipa, com redes limpinhas, vasilhas de barro e fogão a lenha. Os bancos de madeira que ficavam em frente a minha casa serviam para as vizinhas sentarem e prosearem durante a noite ou nas debulhas de feijão. A água limpa do pote servia para matar a sede da boca adoçada pelo doce de gergelim com canela. O cheiro do café da madrugada envolvia o sertão com um aroma gostoso, que convidava os vaqueiros a se apearem dos cavalos e se deliciarem ao nascer do sol.

Hoje tudo é diferente... ninguém mora mais em casas de taipas, ninguém vê a seca como um inimigo, ninguém encontra um amor em meio ao vai e vem de retirantes.

O casamento não dura mais para sempre, pois hoje as pessoas não dizem mais que vão casar, dizem que vão “ficar”.

Tudo diferente da minha mocidade.

Sozinho, morando na casa de outros, sinto uma saudade... uma saudade sem fim. Meu amor já se foi... meu ranchinho continua em pé lá no sertão, como também o pé de umburana no terreiro, quem sabe, esperando novos retirantes, para fazer uma jura de amor eterno, igual ao que eu vivi.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Maria Isaura da Costa, 75 anos.)



## Chão varrido

Aluna: Eduarda Moura Pinheiro

Não quero esquecer aquele cantinho só meu, cheio de vida, de sons e de cores que há muito tempo só existe em minha memória: a casinha de tábua onde morávamos; o fogão a lenha num dos cantos da cozinha, que tismava tudo, manchando de preto narizes, paredes e o teto de palha; a casa de farinha – lugar de suplício para mim, que odiava lavar mandioca –, e a densa floresta ao redor, interrompida por pequenos roçados, de onde papai e mamãe tiravam, com muita dificuldade, o sustento da família...

Ali, meus velhos só viviam para o trabalho. E aos sábados, que nem burrinhos de carga, lotados de cestas, iam ao antigo mercado vender o que colhiam na lavoura e comprar o rancho, como denominavam a feira semanal.

Eu, menina levada, e minhas três irmãs, apesar dos trabalhos que éramos obrigadas a fazer (“pastorar” arroz, raspar e lavar mandioca, arrancar ervas daninhas dos roçados), nos divertíamos também. Brincávamos de casinha, de esconde-esconde e, às vezes, quando papai nos mandava pastorar o plantio do arroz, para enxotar passarinhos, nós aproveitávamos para jogar pedrinha – diversão arriscada, que papai nem sonhava acontecer! Por isso quando víamos vir em direção do roçado, começava a gritaria desenfreada: “Xô, passarinho, xô!”.

Mas eu gostava mesmo era de ir ao roçado sozinha, porque ali procurava um galho de alguma árvore caída e passava a tarde me balançando e cantando o mais alto que eu podia. Eu adorava cantar e achava que estava abafando! Gostava de ouvir o eco da minha voz mata adentro...

Porém, as lembranças que mais me emocionam são da natureza e da simplicidade da vida naquele recanto: os riachos de água límpida e fria, onde passávamos parte do tempo nos banhando, mesmo a contragosto de nossos pais; as plantinhas de cores variadas, cheias de besouros coloridos; as espigas de milho, que para mim eram bonecas de cabelos

lindos – cor-de-rosa, amarelinho, esverdeado...; os passarinhos diversos: rolinhas, curiós, beija-flores, sanhaços e outro montão de que nem me lembro mais os nomes. Nunca me esqueci do canto da passadeira ao amanhecer: era trinado sem fim, uma festa diária na mata. Durante o dia, o céu limpinho me parecia ter sido varrido por alguém, assim como eu varria o terreiro. Santa inocência!

E as noites de verão? Como me encantavam as sombras das árvores que a lua cheia projetava no terreiro, onde ficávamos até mais tarde observando as estrelas, contando-as, nomeando-as, e elas me pareciam mais numerosas que hoje, penduradas no céu como enfeites de árvore de Natal... De repente, aquele estado de contemplação era interrompido por um tiro no meio da mata. Era uma armadilha de papai anunciando que havia paca ou tatu para o almoço de domingo. E lá se ia meu velho herói, portando um terçado, uma lanterna a pilha, e acompanhado de um vira-lata corajoso em busca de caça já agonizante. Tempos bons aqueles!

Mas, hoje, só saudades... Daquele lugar mágico, que minha memória resgata com tanta vivacidade, só vejo breves resquícios, prestes a se desfazerem também. Aquela exuberância em verde e vida de toda a natureza ao redor foi apagada em nome do progresso. Pouco a pouco, o verdor da floresta foi sendo engolido pela motosserra, as águas, lambidas pelo fogo, as matas tombaram e cederam lugar a ruas, casas, igrejas, escolas, pastos... E eu, impotente, assisti a tudo, dando a cada dia um novo adeus lacrimajante a algum elemento que se ia embora, sem chance de regresso.

Mataram-me a mata e parte da minha história, destruíram meus castelos de sonho, e nada pude fazer para impedir. Aquele mundo encantado, que existiu concretamente, e ficava aqui em Cruzeiro do Sul, interior do Acre, agora é abstrato, só existe em minha memória.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Elisângela Oliveira Silva de Araújo, 31 anos.)

# Do canto ao conto

Aluno: Jerônimo Pereira de Lima

Quando escolhi o poeta Xexêu para falar de suas lembranças, imaginei um arsenal de memórias se transformando em versos. Acolhi-o sob sua relíquia: a mangueira-rosa.

Nasci no Sítio Lages, um lugarejo do município de Santo Antônio, no Rio Grande do Norte, há setenta e dois anos. Olhando para a mangueira-rosa retorno ao passado. Fui criado à sombra desse legado que minha mãe plantou. E, por falar nisso, aprendi a declamar fazendo versos sob essa frondosa árvore. Eu declamava e cantava muito! Por essa razão puseram meu apelido de Xexêu – passarinho cantador aqui da região.

Desde criança fui apaixonado pela literatura popular. A paixão pelas letras se concretizou quando comprei uma cartilha do ABC. Encontrar alguém no caminho que soubesse ler era motivo para uma explicação. Foi assim que aprendi a ler. No meu tempo era muito difícil o acesso à escola. Atualmente, há mais escolas e até transporte escolar! Se eu fosse desta geração, seria um doutor.

As cantorias de viola fizeram parte do meu conhecimento sociocultural, desde a minha infância. Sinto saudades do tempo que papai me levava às feiras livres. Íamos a pé ou a cavalo porque naquele tempo os meios de transporte motorizados ainda não haviam penetrado. Quando eu via um autor ou vendedor de folhetos cantando versos, eu achava muito



bonito e queria ser também um protagonista daqueles. As bancas armadas disputavam espaço com as cores e os cheiros das frutas e tecidos, nos sábados de nossa cidade. Os cantadores eram os artistas conhecidos de uma época que não conhecia o rádio nem a televisão. Agora, o rádio faz chegar a voz dos violeiros através da Rádio Agreste AM, sediada em nosso município.

Tudo funcionava na Rua Dr. Pedro Velho. O prédio da prefeitura ficava defronte à igreja e era denominado “Intendência”. Hoje a paisagem é uma bela praça que descreve a religiosidade de um povo através da imagem de Nossa Senhora da Conceição, a padroeira da cidade. Essa rua transformou-se na famosa Avenida Lindolfo Gomes Vidal, onde o cheiro do asfalto misturado à poluição sonora marca a evolução deste lugar.

Naquela época, encontros entre vizinhos eram também motivos de lazer. O feijão armazenado em casa era “debulhado” após um período de safra. Era um momento atrativo para ouvirmos histórias de “Trancoso”: contos populares. O que mais me assustava era o lobisomem e o papa-figo! De vez em quando degustávamos café com tapioca... Hum! As noites de muito trabalho eram chamadas de “debuia”.

Você sabe o que é isso?

Era debulhar feijão a noite toda.

Já se foi o tempo em que a literatura oral marcava presença nos lares do nosso município. Agora é a tecnologia que fala mais alto: os jogos eletrônicos impedem por aqui uma tradição deixada pelos nossos antepassados. Resta-me concluir que este receptáculo de memória representa para os leitores um presente eterno.

Vivenciei as memórias de João Gomes Sobrinho (Xexéu), passeando no túnel do tempo as emoções próprias de sua época.

(Texto baseado na entrevista feita com o sr. João Gomes Sobrinho, Xexéu, 72 anos.)

# Engenho da minha infância

Aluna: Mariana Pedrosa Alves

Recordo muitos casos, dos tempos da minha infância, do engenho de cana-de-açúcar que havia aqui no Sítio Bonfim dos Pedrosas, uma pequena comunidade onde moro, a 2 quilômetros da cidade de Carrapateira, no alto sertão da Paraíba. Lembro-me muito bem do período das moagens, era uma verdadeira festa, a que vinham muitos habitantes das cidades vizinhas e até mesmo de outros Estados, como Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

O engenho, que foi fundado em 1935, tinha grandes moendas de ferro puxadas por boi, energia elétrica não havia por aqui, vivíamos no escuro, à luz de lampiões e candeiros, mas isso não importava. Em noites de moagens os trabalhadores se reuniam no galpão do engenho e enquanto o mel engrossava para dar o ponto da rapadura contavam histórias, anedotas e até contos de assombração. Eu adorava ouvir essas conversas, esperando o momento do ponto da rapadura nas gamelas sair – repartimentos onde colocavam o mel em ponto de rapadura: era o momento mais esperado por todos nós para comermos a rapaquentinha da rapadura que sobrava nas gamelas.

Todos os anos, a partir do mês de agosto até meados de novembro, realizavam-se as moagens durante várias semanas. Eram tempos de muito trabalho, mas também de festa e alegria. Em noite de lua cheia meus amigos e eu brincávamos na bagaceira da cana, que mais parecia um escorregador, no qual rolávamos de cima a baixo, num sobe e desce do fazer gosto! Pela madrugada, meu pai me acordava, era hora de carregar os jumentos com a cana, que era levada do sítio para o engenho para alimentar os bois que puxavam a moenda. Eram tempos difíceis, de trabalho árduo, mas os donos do engenho e os produtores ficavam satisfeitos, pois gerava renda e emprego para muita gente. A rapadura era o produto mais famoso do engenho, que ainda hoje guardo na memória o cheiro e o doce que não encontro nas rapaduras de hoje.

O velho engenho cansou, funcionou pela última vez em 1976, ficamos tristes, o silêncio no nosso vilarejo fazia doer, tentamos reerguê-lo, mas o esforço foi em vão. Em outros centros a produção era mais rápida e com baixo custo, enquanto o nosso trabalho era quase artesanal e a precariedade já estava sendo vista a olho nu.

O engenho deixou também um rastro de tragédia e desespero: a filha de um dos donos do engenho caiu dentro de um cavudo – buraco onde jogavam as brasas do engenho –, a menina gritava, chorava e não conseguia sair, seu corpo derretia nas brasas como plástico velho em chamas. Revivo esse momento como se fosse agora, choro e me arrepio de emoção.

A menina sobreviveu, ficou com um dos braços paralisado e marcas e cicatrizes em todo o corpo, mas ela foi forte, lutou e venceu.

Ainda hoje sento-me debaixo de um juazeiro e, olhando o lugar em que era o engenho, me vem a lembrança daqueles momentos. Hoje sou agricultor e aqueles tempos que pareciam mais como festa de criança ficarão para sempre guardados em minha memória.

(Texto baseado na entrevista feita com o sr. Antônio Pedrosa da Silva, 64 anos.)



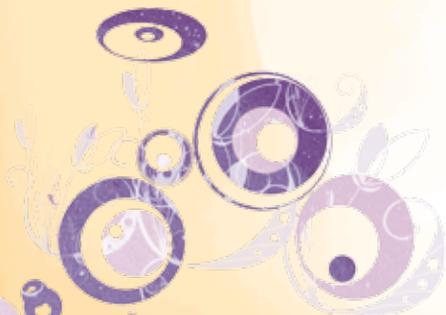
## Entre baldes e fantasmas

Aluna: Sabrina de Souza Rozado

Minha infância foi muito difícil. Trabalhava na roça para ajudar no sustento da família. Nós passávamos por momentos tristes: a falta de comida, roupas e remédios. Naquela época era comum que as crianças ajudassem a família e com isso acabavam largando cedo os estudos.

Ah, os baldes! Esses me deram forças... (risos). Tínhamos que caminhar até um rio muito longe para pegar água que servia para a nossa alimentação e higiene. Os baldes ficavam mais pesados a cada passo do interminável caminho. Mas, apesar das dificuldades, lembro-me desse tempo com muito carinho: o pedido de desculpas no olhar dos meus pais e os sonhos que tinham para o nosso futuro.

Naquele tempo, o jeito de namorar também era diferente. Recordo que quando conheci meu marido só podia namorar em casa com a vigilância dos meus pais. Sabia também que já estava “metida” em compromisso sério, pois não podíamos correr o risco de ficar mal faladas no bairro.



Casei e vim para a cidade “grande” à procura de uma vida melhor, uma oportunidade de emprego. Morei um tempo na cidade de Canoas e, mesmo trabalhando, sofríamos com as prestações do aluguel, pois a família foi crescendo e as despesas também. Então surgiu a oportunidade de comprarmos uma casinha em São Leopoldo; assim, vim morar no bairro Cohab. Lembro-me de que quando cheguei aqui as pessoas falavam que este lugar tinha sido um grande cemitério. Alguns moradores ficavam assustados, porque coisas estranhas aconteciam em suas casas. Até hoje, quando contam “causos” de assombração, sempre tem alguém que se lembra da história do cemitério e dos tais fantasmas que assombravam suas casas. Fui me apegando a este lugar e enfrentando os fantasmas da vida. Quando relembro São Leopoldo me emociono muito.

Minha casa era pequena e não tinha conforto. Os mercados eram distantes, as paradas de ônibus exigiam longas caminhadas e os horários de transportes eram restritos. Minha história foi se transformando dentro de minha São Leopoldo. Hoje, posso dizer que moro no maior bairro da cidade, conhecido como a “Grande Feitoria”. Há um comércio em cada esquina, posto de saúde e escolas espalhadas pelo bairro. Hoje São Leopoldo nos enche de orgulho com suas riquezas culturais e históricas: Casa do Imigrante, Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), Santuário Padre Reus, e até o trem que aqui já chegou. Claro, o progresso também tem suas consequências. Fico triste quando ouço falar da poluição do rio dos Sinos. Lembro-me dos velhos baldes d’água e da felicidade que temos no simples ato de abrir a torneira. Ao voltar no tempo, penso que mesmo na dificuldade minha vida sempre foi regada por momentos bons. Nesse vale vivo realizada. Sou uma senhora feliz, que entre baldes e fantasmas construiu sua vida.

Peço ao nosso querido padre Reus que me dê muitos anos ainda para que eu possa seguir crescendo com essa cidade, e quem sabe um dia uma menina querida escreva nossa história.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Marinalda da Silva de Oliveira, 57 anos.)

## Gotas de chuva... leve barulho da saudade!

Aluna: Saionara Aparecida Sant'Ana dos Santos

Mais uma vez sinto o calor da lembrança, e o calafrio da saudade... Meu ser anuncia a hora de relembrar o maravilhoso tempo de criança, as ideias inesquecíveis, brincadeiras memoráveis e contagiantes daquele tempo...

Bons tempos aqueles: morávamos num lugar pequeno, cheio de matas e animais, casas rústicas, construídas pelos moradores com paredes de pau a pique – um trançado de ripas como estrutura para fixar o barro batido nos buracos. Hoje as casas são de alvenaria, as matas desapareceram e com elas os animais. O lugar é chamado de Córrego Baixo Moacir, município de Governador Lindenberg, interior do Espírito Santo.

Naquela época, com movimentos rápidos das mãos, víamos a agulha franzir o babado: era nossa mãe costurando nossos vestidos para irmos à missa aos domingos. Nossos olhares de crianças puras brilhavam feito pequenas esmeraldas, curiosos em saber qual seria o modelo mais belo. Agora o carinho das mãos habilidosas de nossa mãe foi substituído pela frieza das máquinas. Logo após a missa, na estrada de terra – esta pelo menos ainda existe! –, voltávamos a pé e lá de longe já sentíamos o cheiro do frango caipira, coradinho com a tinta retirada dos fartos pés de urucum que vovô socava no pilão. O frango era acompanhado pela polenta, uma herança da cultura italiana. O aroma que vinha da janela da casa da vovô era convidativo e fazia com que apressássemos o passo.

Eu estimava os dias de chuva, quando bastava ouvir um leve toque anunciando que a festa ia começar. Era só abrir a porta e meus amigos transformavam-se em “campainhas”, cujo barulho de felicidade era demonstrado aos berros, ao sentir o prazer de cada gota caindo sobre seus corpos, que refrescava a alma. A chuva caía vagarosamente e num passe de mágica transformava-se numa cachoeira em gotas. Mas nós não estávamos satisfeitos e bastava a distração dos familiares para que corrêssemos estrada afora e de poça em poça descobríssemos mais um mistério. Esses eram os dias de que mais gostávamos: os mágicos dias de chuva, que hoje já não são tão frequentes.

Já nos dia em que o sol recobria o telhado de palha de coqueiro, feito por nossas pequenas mãos, nossa diversão era construir nossos próprios brinquedos. Tudo era utilizado: pequenos frutos e pedaços de gravetos. Carretéis e madeira eram usados para fazer os carrinhos, também brincávamos de bonecas costuradas com palha e sabugo de milho colhidos no quintal, o que hoje já não acontece, pois as crianças de agora pensam somente nos brinquedos falantes, jogos eletrônicos e em tudo o que não desperta a curiosidade, a inteligência, e faz com que não usem suas mãos para inventar e construir, preferindo apertar somente um botão.

Nos fins de semana, reunia os amigos para colhermos frutos e degustá-los. Uma delícia! Hoje os frutos são poucos e quando não contaminados pelo excesso de agrotóxicos nas lavouras. Nossas roupas branquinhas passadas a ferro em brasa – até então não existia energia elétrica –, os vestidos engomados com uma mistura de água e polvilho, muito usada na época, estavam completamente sujos, o que nos rendiam alguns sermões de nossas mães. E, assim, após o banho, eu ia à casa da vovó ouvir o vovô contar histórias relembrando seu passado, suas memórias, que me faziam adormecer em sonhos, saboreando as primícias de uma infância bem vivida.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Olga Bertti Sant'Ana, 68 anos.)



# Histórias de um avô

Aluno: Maciel Rodrigues de Sousa Júnior

Há sessenta anos Souzaânia era uma cidade de interior muito diferente daquelas que temos hoje. E como as coisas mudaram... No meu tempo as pessoas sabiam se divertir de verdade. O dia começava com o canto do galo para despertar todo mundo e as crianças que iam para a escola guardavam na capanga o dever enquanto a mamãe arrumava a merenda.

A cidade se resumia à igreja, poucas casas e uma vendinha. Nas pequenas ruas de terra onde a gente andava a cavalo e jogava bolinha de gude não havia cinemas, *shoppings* ou *lan house*. Bola, a gente jogava na rua, e quando aparecia um carro apostávamos corrida com ele.

Minhas tardes eram feitas das aventuras de menino, eu não tinha computador, *videogame*, nem muitos brinquedos, mas me divertia um bocado subindo para pegar fruta no pé e saltando nos rios...

Quando eu fiquei crescido vieram as obrigações de adulto: cuidar da fazenda, do gado, da ordenha... O trabalho difícil era recompensado pelo pão de queijo e pelo cheiro do café quentinho, feito no fogão a lenha da casa tão simples.

Na varanda, sentado no chão, eu ouvia as modas que o papai cantava enquanto o vovô tocava a viola. O pessoal ia se reunindo, os filhos respeitavam os pais, velhice era sinônimo de sabedoria... Naquele tempo televisão era só sonho.

A casa ia aos poucos ficando quieta e, enquanto eu ia para a cama, papai apagava as velas e a lamparina. Energia elétrica a gente não tinha, refrigerante era presente de aniversário e ônibus, coisa da capital...

As coisas foram mudando. Veio a internet, e o progresso trouxe o conforto, tudo mudou, mas às vezes penso que o tempo levou com ele o que todo mundo do meu tempo sabia bem: é preciso bem pouco para ser feliz.

(Texto baseado na entrevista feita com o sr. José Elias Mendonça, 70 anos.)

## Saudoso recanto

Aluna: Leslly da Silva Massalino

Faz muitos anos que moro em Santa Luzia do Norte. Antigamente existiam poucas casas. Quando caía a noite, nesse saudoso recanto, conversávamos sobre lendas, casos acontecidos durante o dia, conversas de compadres e comadres, como se dizia.

Quando criança, brincava de pega-pega, pular corda, essas brincadeiras seguiam de quintal em quintal, até que se ouvia a voz de mamãe chamando para entrar, já que a noite se aproximava e a luz era de candeeiro.

O cheiro quente e gostoso da comida tratava de convencer-me, se as tentativas de minha mãe não conseguissem. Ah, que lembrança gostosa! Tudo feito no fogão a lenha!

A casa onde morávamos era pequena e de taipa, “casa feita artesanalmente de barro e madeira”, nela só existiam três cômodos. Da cozinha via-se o quintal, celeiro de grandes momentos de felicidade, pequeno com um imenso pé de jambo.

A ida à escola era uma festa, a não ser os momentos de sufoco pelos quais passava quando tinha que repetir, exaustivamente, a tabuada. Se não conseguisse, viria o inevitável: o temido castigo.

Quando a luz elétrica chegou aqui ao município, foi um acontecimento: dormimos à luz de lamparinas e acordamos à luz da eletricidade.

Algumas poucas casas tinham televisores e, claro, nelas aglomeravam-se muita gente para se encantar com as maravilhas proporcionadas pela tecnologia.

E só se ouviram as falações: “Como é que aparece esse povo aí falando de tão longe!”

Por volta de 1990 consegui minha primeira TV, foi realmente um progresso. Senti como se o mundo entrasse todos os dias dentro da minha casa.

Minha cidade é, ainda hoje, pouco desenvolvida, mas repleta de antigas histórias que habitam na memória de quem até hoje reside nela.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Zeferina Rosa da Silva, 70 anos.)

Professora: Darlene Gomes da Silva

Escola: E. M. de 1º Grau Santa Luzia de Siracusa • Cidade: Santa Luzia do Norte – AL

# História que o tempo não apaga

Aluna: Aline Cristina dos Santos

Numa quarta-feira pela manhã papai saiu correndo para chamar a parteira – mulher que realizava partos naturais em casa. Não demorou muito e escutaram um chorinho: era uma linda menina. Foi assim que nasci. Adorava quando minha mãe contava essa história.

Vim de uma família simples e pobre, a casa onde morava era pequena, com poucos móveis: uma velha mesa e um fogão a lenha que aquecia nossos corpos e corações nas noites frias e longas. Ficava no São Miguel, bairro pioneiro de Uchoa. Foi ali que a cidade começou em volta de uma capela. Tinha poucas ruas, todas de terra, algumas casas, de onde era possível sentir o gostoso cheiro da mata verde que a rodeava por todos os lados.

Muito pequenina, já ia para a roça, mamãe me acomodava em uma manta em cima de um saco branco, o que impedia que as formigas me picassem enquanto ela colhia algodão. Assim tirava nosso sustento. Éramos onze, fora papai e mamãe.

Agora me arrisco a dizer “papai”, mas minha convivência com ele... Era um homem severo. Falava, todos respeitavam, obedeciam e pronto!

Mamãe, não. Era uma rosa e com seu amor irradiava ternura pelos quatro cantos da casa, dava atenção e acarinhava sempre que alguém precisava.

Fazia roupinhas para minhas bonecas de espiga de milho, limpava as palhas com jeitinho, penteava o cabelo para fora e desenhava seu rostinho com carvão. Assim era minha melhor boneca. Ah, como eu adorava!

Meus domingos eram uma festa! Acordava com o perfume do pão feito na hora, que aflorava pelas frestas da taipa do quarto em que dormíamos todos amontoados. Saíamos em disparada, trombando, para pegar o primeiro pedaço passar manteiga – feita em casa –, que derretia e chegava a escorrer na toalha manchada pelo tempo. Cada mordida era como se estivéssemos comendo pela primeira vez.

Mas a data mais esperada por mim era o Natal. Aguardava o bom velhinho o ano todo, porque era o dia que comia frango assado, macarronada com molho e tomava gasosa –

refrigerante da época –, cujo nome lembro até hoje – Itubaína! Como era gostoso sentir aquelas bolhinhas formigando minha língua como se estivesse adormecida.

Ganhava também um doce, que mamãe comprava na venda e guardava escondidinho. Comia aos poucos para que durasse dias. Saboreava cada pedacinho!

Tempos muito difíceis. Presente nunca ganhei, não. Era muito diferente dos natais de hoje. Mas aprendi uma simpatia: quando aparecia manchinhas brancas em minhas unhas deveria colocar as mãos nos bolsos da calça de meu pai, porque assim ganharia presente. Fazia isso enquanto desamassava os montes de roupas com o pesado ferro de brasa. Nunca funcionava, mas não custava tentar.

As brincadeiras daquele tempo? Ah, que gostosas eram! Todas na rua e usava a imaginação, mas gostava mesmo era de pular corda que mamãe improvisava com um cipó e como ela me enfeitava com trancinhas coloridas. Enquanto pulava, meu cabelo balançava como folha de árvore em dia de ventania.

Sair de casa não podia. Somente nos dias santos é que ia à missa ou à procissão, e quando acabava ficava fazendo *footing* – dava voltas e mais voltas no jardim da praça da matriz.

Ali, conheci meu primeiro namorado e depois marido, que apesar de não ter sido escolhido por mim foi muito bom enquanto o tempo não o levou, juntamente com dois de meus filhos.

Hoje, com 80 anos, muitas vezes me peço dando corda no relógio do passado. Fico emocionada com passagens que o tempo não conseguiu apagar e com lembranças vivas que teimam em não adormecer.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Jandira Teixeira dos Santos, 80 anos.)

# Histórias, um poema, uma canção

Aluno: Edson Liberato Pereira de Araújo

De minha carteira, me deparo com ela: Deise. É o nome da superação das minhas expectativas para saber sobre raízes de sua vida, onde ela e eu vivemos.

Chegou alegre e disposta, já eu, com o rosto fechado e sem pensamentos. Quem diria que uma pequena e doce criatura de cabelos grisalhos fosse tão grande fonte de sabedoria. No braço seu violão, revestido de capa preta para a caminhada, também um sorriso enorme e brilhante em seu rosto já um pouco envelhecido.

E começou a contar suas lembranças como num filme, daqueles de cinema, em que você se sente lá atrás, quase não entende, mas sabe que é uma grande história...

Onde moro tinha antigamente apenas duas ruas: Rua de Cima e Rua de Baixo. Na Rua de Cima passavam grandes caminhões, daqueles de carroceria de todo tamanho. Na Rua de Baixo... Bem, para falar a verdade, ficava debaixo da Rua de Cima e tinha escondidinha, entre um matagal, um enorme espaço onde havia uma grandiosa árvore, aonde eu e a molecada íamos para brincar e chorar às escondidas.

Na cidade, havia também um clube, que era dividido em Rioacimense e Sansa. Rioacimense era o mais pobre. Eles não se misturavam. Havia bailes. As moças juntamente com suas mães faziam roupas exuberantes. Meu Deus! Os rapazes iam todos de social. Dançávamos todos bem agarradinhos. Os moços chamavam as meninas para dançar; se não quisessem, não tinha conversa e pronto! Na década de 1980, surgiu o Belisquete, sua graça, em mim faziam contorção. E era louca a vontade de rir de tudo aquilo, parece até com esses *funks*, axês, não sei! Dançava todo mundo separado. As bebidas, na festa, nós mesmos fazíamos: *hi-fi*, o chique da época, era laranja com rum; cuba-libre, que era vodca com limão; caipirinha; e cerveja só nos dias quentes. Esse prédio não é mais assim. Hoje o salão vazio enche de saudades os jovens daquela época.

Havia um trem que saía às cinco e meia da manhã e voltava às quatro e quarenta da tarde, cuspidando gente! Eram os jovens das cidades vizinhas, ou até mais longe, como alguns

bairros de Belo Horizonte. As meninas e os meninos, principalmente eu e meus colegas, fazíamos a maior “zoeira” nos “Lots”, que eram os passeios para esperar o trem na estação. Não se tem mais trem, e a estação transformou-se na biblioteca pública.

Muitas construções foram feitas e as duas ruas multiplicaram para tantas, que nem se dá para contar de cor. De estação, hospital e centro social urbano, temos agora o CRAS, muitas escolas municipais, cerca de sete a oito, açougues, muitas lojas de roupas, de calçados, coisas que antes, roupas e sapatos, só nossos pais faziam. A carne era de crio, bovinos, suínos, aves...

O carnaval era o centro das atenções para os de outras cidades. Rio Acima, nem se fala! Não tinha espaço para ver os bonecos, muito parecidos com os de Olinda. Meu pai era quem os fazia, grandes e coloridos – um encanto! Tinham por dentro uma pessoa que manipulava as armações, que fazia tudo neles se movimentar, como se fosse realmente uma pessoa. Engraçado... Até hoje não descobri o que faziam os olhos vermelhos piscarem!

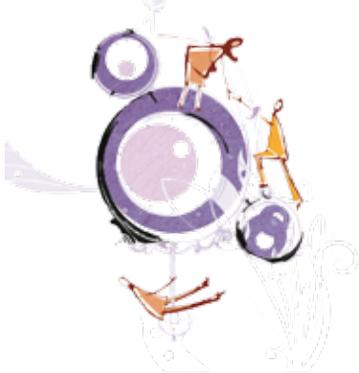
Bons tempos os que vivi! Com um pouco de dificuldade, mas com grandes momentos de felicidade que, num todo, compõem minha história.

Chegando ao fim, Deise pegou seu violão em que cada corda era um som que faz meu corpo e mente se encantarem. Tocou um samba em homenagem ao seu esposo.

Memórias são o seu forte, pois leu um poema que compôs com as memórias de seu pai que começa assim: “Quem melhor para falar dessa cidade do que alguém mais velha do que ela?”

E lá foi ela. Na capa, o violão. Em sua bagagem, suas memórias.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Deise Fernandes Correa Elias, 52 anos.)



# Vó Neuza e as histórias do Vale Feliz

Aluna: Sarha Dias Hottes

Era um vale montanhoso, extenso, imponente, bonito, verde e principalmente frio onde eu morava com minha família. Nossa casa era de pau a pique e havia apenas um único cômodo de tijolo. Meu despertador? Você não vai acreditar! Era o galo, que rigorosamente despertava às quatro horas da manhã: Co-co-ri-cô... Já sabia que era hora de levantar, olhava pela janela e via o céu alaranjado como uma abóbora, e de longe via os primeiros raios de sol que rompiam a aurora dourando os montes. Com muita destreza corria para ajudar minha mamãe nos afazeres domésticos. Preparávamos o café com os grãos que colhíamos no sítio, moídos na hora, no antigo moinho preso na parede da cozinha. Ah, e o coador era de flanela! O aroma de café ia rapidamente misturando com o da broa de milho assando no fogão a lenha e se espalhava pela casa toda.

Papai e mamãe saíam para a lida, era chegado o tempo da colheita do café e o inverno também batia à porta. No meio da lavoura, o frio era impiedoso e cortante como uma navalha, o vento se encarregava de fazer o indescritível balé de folhas secas que rodopiavam feito bailarinas. Eles retiravam os grãos madurinhos das varetas com toda a delicadeza, todo o cuidado era pouco. Papai dizia que o café era nosso ouro.

A vida era difícil, porém tinha o seu lado bom. Brincava com o meu irmão, se bem me lembro brincávamos de fazendinha e cozinha. Como éramos pobres, não tínhamos brinquedos, mas na nossa imaginação podíamos tudo... Então fazíamos bois de chuchu, bonecas de espiga de milho, peteca de palha e penas de galinha e até fogões com pedaços de tijolos. Mal acabávamos de brincar, almoçávamos, e eu prontamente preparava nossa merenda. Colocava arroz, feijão e lambaris fritos, que papai, como sempre, trazia, tampava as marmitas, amarrava nossos pertences e partíamos.

Nesse ínterim vivíamos uma aventura. Passávamos por um curral onde pegávamos pedaços de cana, usada para tratar o gado, e íamos chupando torrões de açúcar. Atravessávamos um pasto muito grande, com muitas vacas bravas – na época não sabia, mas hoje sei

que era por causa de seus instintos maternos. Recordo ainda da antiga “pinguela” – hoje é uma ponte – que, em época de chuva, a água transbordava por cima e ela balançava de um lado para outro. Era uma beleza ver aquilo, mas difícil passar por lá, não havia outro lugar por onde pudéssemos passar, e não podíamos chegar tarde porque a professora era muito brava, por qualquer motivo nos fazia chorar. Naquele tempo havia poucas normalistas... Estudar naquela escola era um privilégio. Vó Vitalina contava orgulhosa que o governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek, havia inaugurado pessoalmente o Grupo Escolar Interventor Júlio de Carvalho. Como ela sabia disso? Vovó esteve na inauguração. O que ela não sabia é que ele se tornaria o mais ilustre presidente que o país tivera.

O sol começava a se pôr, anunciando que a noite se aproximava; então eu ouvia uma voz doce que soava como notas musicais nos meus ouvidos: “Neuza, entra! Vem tomar banho”. Era mamãe. Nosso banheiro era o cômodo de tijolos com telhado baixo, chão de terra batida. Mamãe passava uma mistura de coco e água, não fedia, todo chão de nossa casa era banhado por esse extrato, que, depois de seco, transformava-se num imenso tapete verde. Essa antiga técnica mamãe aprendera com Vó Vitalina e, acredite, até hoje ainda é utilizada. Tomávamos banho numa bacia grande de alumínio muito bem areada. Mamãe sempre me apressava.

Todas as noites recebíamos os vizinhos para ouvir novela num radinho de pilha, nosso único artigo de modernidade. Assim que terminava a novela nos despedíamos e nossos vizinhos desapareciam na escuridão. Rezávamos juntos. Papai e mamãe nos abençoavam, apagávamos as lamparinas, era hora de dormir...

“Conta mais, vó, conta!”

Ela não respondeu. Então percebi que ela havia adormecido, embalada pelas suas recordações presas no tempo.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Neusa Maria Dias Hottes, 58 anos.)

# Lembranças da nova capital

Aluna: Joyce Hellen Braga de Jesus

Conheci Brasília lá pelos idos de 1964, quando vim visitar meu irmão que veio trabalhar aqui. Ele nos mostrava a cidade e ia dizendo: “Aqui vai ser o Teatro Nacional, aqui vai ser o setor hospitalar, aquele prédio que está sendo construído vai ser o Banco Central”, e assim por diante. Eu dizia: “Não quero morar aqui, numa cidade onde tudo ainda vai ser...”

Os espaços vazios, com sua terra vermelha, era o que eu avistava quando subia na torre de TV. Um prédio aqui, outro acolá; no traçado que se avistava podia se perceber perfeitamente o projeto original: o avião com suas asas bem definidas – norte e sul. No eixo monumental avistava já os ministérios, porém sem seus anexos, que só foram surgindo tempos depois.

Quando mudei para cá, já era uma Brasília diferente, onde o que ia ser “já era”.

Muita coisa ainda tinha para se fazer, mas a nova cidade já estava bem pronta para acolher e para se criar os filhos.



Das cidades-satélites só me lembro do Núcleo Bandeirante, Cruzeiro, Taguatinga e Ceilândia. O acesso para Taguatinga e Ceilândia era a mesma Estrada Parque, hoje conhecida como CPTG; lembro-me muito de um restaurante do Júlio e só muito tempo depois é que surgiu a Via Estrutural. Uma característica bem marcante de Brasília era a poeira ou lama com as construções que iam brotando da noite para o dia. Um lindo canteiro de obras era o nosso visual diário!

A W3, tanto Sul como Norte, era como o projeto previa: residências de um lado e comércio de outro.

A Asa Sul ficou pronta primeiro e aos poucos iam surgindo as construções da Asa Norte.

Para as compras, tinha o Ceasa, a Feira do Guarã, e a rede de supermercado que existia era o Jumbo, hoje Pão de Açúcar.

No trânsito, eu treinava descendo e subindo as tesourinhas para aprender a dirigir em Brasília, que tinha um número de veículos bem reduzido comparado com o que temos hoje. Era muito tranquilo dirigir na cidade, não se falava em engarrafamento – isso era coisa do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Hospitais foram surgindo; faculdade particular, lembro-me bem, era só a Ceub, a UnB hoje é uma cidade universitária e as escolas públicas foram previstas para todas as quadras.

A igreja de Nossa Senhora de Fátima já nos encantava, a catedral já aparecia exuberante, assim como a Igreja Dom Bosco, pontos turísticos obrigatórios.

Os museus, no início, eram poucos. Hoje temos o Memorial JK, o Museu do Índio, Museu da Arte etc.

Orgulho-me muito de falar de Brasília. Nas minhas recordações percebi que o passado, junto com o presente, se confundem, para mostrar que todos os sonhos podem se tornar realidade: basta acreditar e agir.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Maria Lúcia Azevedo Campos, 68 anos.)

# Lembranças que não se apagam

Aluna: Bruna Elisa Lasch

Completei meus 93 anos há poucos dias. Nasci e cresci nesta pequena e aconchegante cidade chamada Lagoa dos Três Cantos. Aqui vivo imensamente feliz, recordando as lembranças que nem o tempo, nem a idade apagarão.

Lembro-me muito bem das casas existentes na época, feitas de madeira bruta e tábuas largas. Era numa dessas casas que eu morava. Lá eu vivia de forma simples e tranquila, sem muito luxo, e eu era feliz... Dentro da casa havia o básico: um armário para guardar pão e schimia, mais um outro armário que servia para guardar louças, e na parte superior as portinhas de vidro exibiam lindos guardanapos bordados pela vovô. Ainda me recordo das cadeiras feitas com belas tranças de palha e dos colchões de palha que faziam um tremendo barulho quando a gente se virava.

Recordo-me ainda do fogão preto com flores coloridas que fazia as deliciosas comidas e servia para deixar o cheiro do feijão no ar, sem deixar de comentar que as louças a gente lavava em enormes bacias de alumínio com panos e sabão feitos num tacho preto, lá fora no terreiro.

Naquele tempo, as ruas eram de terra e pedregulho, passavam as carroças puxadas por bois ou charretes puxadas a cavalos e claro... passavam alguns poucos carros. E quando estes passavam ao anoitecer a poeira ficava pelo ar, parecendo uma verdadeira nuvem marrom que demorava para passar, dando muitas vezes a sensação de sufoco e falta de ar.

Aos domingos a gente visitava os vizinhos, sentava ao redor do fogão a lenha, enchia o chimarrão com a água da chaleira e contava causos. Os brinquedos então nem se fala, não tinha essas “coisas” de internet, MSN, Orkut. As crianças se envolviam em brincadeiras saudias em poteiros, com bolas de meias ou bonecas feitas de pano. Ah, se eu me lembro daquelas tardes em que a gente procurava os barrancos, sentava em cima de tábuas e resvalava! Que sensação maravilhosa! Eu hoje vejo que é tudo muito fácil, vai-se às lojas e compra-se tudo pronto: os brinquedos, as comidas...

Eu caminhava quilômetros até chegar à escola, descalço, tanto no verão como no inverno. Levávamos merenda de casa e se não gostássemos a gente trocava o lanche com outros colegas. HUUUUUMM, que delícia! A merenda dos outros era sempre melhor.

Em época de estiagem, quando o poço lá de casa secava, caminhávamos quilômetros em busca de água, carregando cestos de roupa para lavar. Hoje em dia as pessoas simplesmente jogam as roupas dentro da máquina, apertam uns botões e pronto... O aparelho puxa a água, lava, bate, enxuga e torce. E, puxa vida!, as pessoas vivem insatisfeitas, parecem que estão sempre de mal com a vida.

E assim o tempo foi passando e a cada novo dia agradeço a Deus por ter me dado tantos anos de alegria e rezo ao meu anjo da guarda que continue me iluminando e me protegendo no decorrer do meu caminho para que eu possa continuar acompanhando, com a bênção divina, o progresso deste lugar lindo onde eu vivo.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Ilsi Irma Cassel, 72 anos.)



# Lembranças que o tempo não apagou

Aluno: Danley Dênis da Silva

Ainda recordo as férias escolares do mês de julho... sempre com endereço certo. Enquanto outros garotos sonhavam com viagens para lugares desconhecidos, eu contava os dias para retornar ao meu pequenino cantinho do mundo – nem se chamava Campo Grande do Piauí, pois não passara ainda para a categoria de cidade, naquela época, apenas um pequeno povoado às margens da BR-316. Hoje, sim, Campo Grande do Piauí, terra do caju.

Hoje sou adulto e carrego nos ombros as responsabilidades que a vida me trouxe, mas quero me reportar àquele tempo de garoto, quando andava descalço, camisa aberta no peito, cabelos revoltos pelo vento e o sol a seguir-me pelas longas trilhas. Eram as minhas férias de julho, não tão prolongadas como as de final de ano, mas era naquela época que a farinhada acontecia.

A casa de farinha de “padim” João Marcos – era assim que a meninada o chamava; já os adultos tratavam-no por tio João ou seu João. Lembro-me de que era um velhinho alto, acho que o mais idoso da região, já envergado pelo peso da idade – companheiro inseparável de uma bengala que lhe servia de apoio nas suas incansáveis idas e vindas diárias.

Eu não sei o que me atraía tanto naquela casa de farinha, tinha horas que aquilo lá fervilhava de gente: uns trabalhando, outros passeando e os mais preguiçosos sem nada a fazer.

Quando o motor começava a triturar a mandioca, os trabalhadores, nas suas conversas, tentavam superar o barulho infernal que se fazia no ambiente.

Na casa principal – disso tenho a nítida lembrança –, era lá que estava meu encanto pessoal. A sala não era um cômodo grande, encostada numa parede ficava uma cristaleira que tinha como principal adorno o símbolo das bodas de ouro do senhor daquela casa e de sua esposa. No centro da sala uma rede, sempre estirada, um verdadeiro convite para uns vai e vem. Ao pé da rede reinava uma cadeira – senhora quase absoluta daquele ambiente simples –, e sobre ela, sempre de prontidão, duas tigelinhas: uma, contendo farinha, e na outra, rapadura.



Para a minha curiosidade, principalmente de literatura, ali encontrava-se uma verdadeira biblioteca, que, na verdade, consistia numa “capemba” de coco babaçu dependurada na parede e lá dentro repousavam vários livrinhos como se estivessem adormecidos: eram versos escritos na forma de literatura de cordel. No *Almanaque do Pensamento* era possível verificar as fases da lua, não que eu entendesse algo daquilo, mas queria desvendar o mistério das palavras. E foi nesse pequeno acervo, que considerava minha biblioteca particular, que descobri o incrível prazer da leitura.

Hoje sei que a casa de farinha ainda está em pé, mas nenhuma atividade; as trilhas cederam lugar às ruas e avenidas; a “minha” biblioteca, não sei dizer o que lhe aconteceu; no entanto, falo do tesouro que ficou guardado na minha memória e da saudade que corrompe meu coração, fazendo rolar uma lágrima quando lembro os tempos que não voltam mais.

(Texto baseado na entrevista feita com o sr. Francisco José Bezerra, 46 anos.)

# Luz, fé, sabor e ação

Aluna: Priscilla Nicola Silva

Impossível esquecer-me da linda cidade onde passei toda a minha vida. Quando pequena, recordo ser também a cidade uma criança que começava a crescer junto comigo. Luz! Os postes de madeira foram colocados nas poucas ruas da minha cidadezinha. Eu ficava maravilhada com aquelas “estrelas” tão próximas, possíveis de serem tocadas. Os adultos diziam: “É obra do governo, o progresso chegou”. Acostumados com a novidade, voltamos à nossa rotina.

A Igreja Matriz: pedacinho do céu mesmo, sabe por quê? Foi construída pela comunidade, cada um cuidando da sua maneira; com o que podia e com seus respectivos talentos. No ano de 1920 ficou totalmente pronta. Nas paredes e no teto, passagens bíblicas que retratam a vida do nosso padroeiro, São João Batista. A imagem que mais me impressionava era a da cabeça de São João numa bandeja. Mamãe me explicou o motivo que levava o



nosso santinho à morte. Eu sentia medo, pena, e ficava profundamente triste com tanta maldade. Terminada a missa, bastava sair da igreja para os meus sentimentos começarem a mudar. Ali o cheiro da comida mineira dominical alvoroçava minha vontade de comer. Era perceptível o cheiro da macarronada, do frango caipira e do doce caseiro, que era meu maior desejo. Como eu gostava de doces! E por me lembrar de gostosuras me vêm à memória as festas de São João. Noites claras, enlugaradas, enfeitadas e temperadas com brincadeiras, leilões, guloseimas, bingos e barraquinhas. Eu não tinha dinheiro para comprar nada do que via; no entanto, papai trabalhava mais do que nunca nessa época para, ao menos, comprar para mim e meus irmãos um lindo e saboroso cartucho recheado com os docinhos que faziam um rio correr na boca.

Outra diversão daquele tempo era participar das brincadeiras do circo. Constantemente, nossa cidade recebia a visita de parques e do circo Lexo-Lexo. Confesso que tinha enorme preferência por este último! Ali, no terreno onde montavam aquela tenda, meus sonhos se erguiam também. Nos teatros, eu era sempre uma personagem. Faltava um autor, outro ator, eu e meu irmão Antônio tínhamos o que fazer; corríamos em volta daquele circo o dia todo e nos divertíamos muito, pois quando entrávamos em cena o circo já estava lotado. E era possível ouvir alguém dizendo: “Olha, os filhos do Filipim”. Eu me sentia bastante orgulhosa, quase me esquecia o que tinha para representar, mas aí era que todos gargalhavam...

Hoje, apesar da saudade daqueles tempos, vejo com grande satisfação as mudanças desta cidade. Lugar tranquilo, terra de amigos que não se encontram em canto nenhum. É uma cidade pequena, se comparada a outras, vizinhas, mas posso garantir que é aquela que se destaca por sua beleza, pelos recursos e empregos e por sua gente tão capaz e competente, gente feliz.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Terezinha Peres da Silva Nicola, 65 anos.)

# Memórias de um ribeirão

Aluna: Daniele Oliveira Cunha

Já faz tanto tempo, mas as lembranças dos meus tempos de infância vividos na zona rural não me saem da memória.

Ao primeiro cantar do galo, meu pai já estava de pé e pronto para começar mais um longo e fatigado dia de trabalho. O vento frio da manhã acariciava nossos rostos, eu e meus irmãos pulávamos da cama e corríamos para a lojinha, atraídos pelo delicioso cheiro de café que só a mamãe sabia preparar. A mesa estava repleta dos produtos da terra, frutos do suor de um incansável ribeirão que trabalhava de sol a sol para garantir o sustento da família.

E, nos “maravilhosos” dias de sol, quando ainda brincávamos sem nos preocupar com a intensidade dos raios solares, íamos para o rio das Velhas, que passava perto lá de casa. O cheiro de mato verdinho adentrava em nossas narinas. O céu azul límpido irradiava felicidade.

Ah, como era gostoso! Saíamos correndo e *tchibum!* Caíamos na água, nadávamos como peixinhos, flutuávamos sobre as águas que ainda não haviam sofrido os efeitos da poluição e chegávamos a adormecer, recebendo aquela brisa suave misturada ao calor do sol.

Então, já cansados e famintos, íamos fazer a festa nos pés de jacas, subíamos nos mais altos galhos daquela frondosa árvore e saíamos de lá fartos. Como não tínhamos compromisso com horário, retornávamos ao rio para pescar.

Quando me lembro disso, lágrimas vêm aos olhos, pois aquele majestoso rio, palco das nossas peraltices de criança, transformou-se em um pequeno riacho ofegante, que insiste em ressurgir após cada temporada de chuva. Mas nada ã altura do que era antes. Naquela época, ele corria solto, tanto é que uma das nossas brincadeiras prediletas era disputar quem conseguia chegar à outra margem.

Nisso passávamos quase o dia inteiro.

Naquelas águas claras e límpidas perdíamos tempo a observar a briga dos peixes que disputavam os farelos que atirávamos na água. A ansiedade tomava conta de todos nós. O coração acelerava de tanta felicidade e quando um ingênuo peixinho caía em nossas mãos era uma folia! Não víamos o tempo passar. Só percebíamos quando o céu começava a escurecer, em um belo pôr do sol, levando consigo aquele lindo dia de diversão!

Mas o tempo passou, e a infância marcante desse ribeirão agora fica registrada apenas em minha memória. Um rio de águas límpidas, intermináveis dias de sol estão agora guardados em meu coração. Sinto saudades de uma época em que meus netos não terão a oportunidade de viver, de um tempo mágico, cheio de alegrias e encantos.

Minha maravilhosa infância!

(Texto baseado na entrevista feita com o sr. Joaquim Santos Cunha, 53 anos.)



# Minha infância

Aluna: Rayane Ferreira Santos

Essa história se passou numa noite quando minha avô sentou-se e começou a relatar suas lembranças, contando assim:

Ceguei a Rosário em 1972, aos 12 anos de idade, e fui morar na Rua Eurico Macedo, com minha mãe, irmãos e avós.

A rua era bem calma, tinha poucas casas e não era asfaltada, somente a piçarra com sua vermelhidão. Bem diferente da pequena cidade vizinha onde tínhamos morado anteriormente. Rosário não era muito povoada, mas bem organizada. Naquela época não existiam hospitais, bancos, supermercados, e tinha poucas escolas.

A escola onde eu estudava era muito simples, mas divertida, porque eu tinha muitos amigos. Quando entardecia nos sentávamos ao redor de uma fogueira esperando a noite chegar para nos alegrar com o brilho das estrelas no céu.

A chegada da primeira televisão à nossa cidade foi uma grande novidade e foi instalada na Praça Matriz. Todas as noites íamos para lá assistir às novelas. Quem não queria ir ficava em casa. A eletricidade já havia chegado, mas eram poucos que a usufruíam. Em minha casa usávamos lamparinas.

Era muito difícil sair da cidade porque tinha que comprar passagem três dias antes da viagem.

Para comprar comida, objetos e roupas, tínhamos que ficar na fila, esperando o caminhão de mercadorias chegar.

O dinheiro usado era o cruzeiro. Móveis, só encomendados. Para você poder ir a São Simão tinha que andar pela estrada a pé até chegar ao rio Itapicuru, dali embarcávamos na canoa, pois para irmos para o outro lado o único meio de transporte era a canoa. Meus amigos e eu brincávamos de caça ao tesouro e íamos em busca das riquezas que tinha em nossa pacata cidade: o forte e a linha do trem.

Assim, minha avó termina a sua história, lembrando com carinho daqueles tempos. E eu fiquei maravilhada com tudo aquilo e disse: “Que bom seria se hoje fosse tão legal quanto os tempos da minha avozinha”.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Maria da Luz Coelho Ferreira, 50 anos.)



# Minha vida de menina

Aluno: Cícero Augusto Carvalho Abreu

Durante minha vida em Graça sempre fui uma garota agitada. Lembro-me de que eu e minha melhor amiga gostávamos de passear pelo mercado municipal recém-construído, mas muito diferente do de hoje: o teto era feito de palha, sustentado por um tronco enorme. Passeávamos por lá por não haver outra opção e também para paquerarmos os meninos.

Nascemos quase juntos: eu e o mercado. Somos uma coisa só, mas não estamos nos livros, televisão ou qualquer documento. Estamos na memória que marcou minha adolescência. Às vezes sinto saudades daqueles tempos, quando tudo era mais tranquilo, não havia quase motos ou carros nas ruas.

Ao chegar em casa, ajudava minha mãe a fazer chapéu. A palha utilizada cortava meus dedos, mas era a única forma de ajudar na renda familiar, garantindo dinheiro para, quando chegassem os festejos, comprar tecido para fazer os vestidos.

Estudava à tarde com a professora Iracy, mestra muito severa. Minha mochila era um saco de arroz, em que levava um lápis, a cartilha do ABC e uma tabuada. Meu pai me colocou na escola, e meus irmãos também, para aprendermos a ler uma carta e fazer outra. Eu era craque na leitura e não gostava da tabuada, mas estudava muito para não apanhar de palmatória. Nunca apanhei da professora, pois ficava bem quietinha. Durante o recreio, ela mandava-nos capinar o mato que crescia ao redor da escola, tarefa que julgava enfadonha, pois minhas mãos às vezes inchavam.



Quando chegava da escola já era quase hora do jantar. Comíamos feijão com farofa de toucinho. O gosto não era bom, mas de tanto comer já havia me acostumado. Raramente comíamos carne ou biscoito, e só tomávamos refrigerante quando caíamos doentes.

Nas festas não havia bebidas alcoólicas, só o arico-rico – suco industrializado em pó colocado em garrafas –, que tinha que ser dividido com os amigos, proporcionando momentos de alegria e confusão.

Apesar das secas, minha família nunca passou fome, pois meu pai criava capotes e cabras; por esse motivo não nos faltava leite. Raramente chovia, mas quando acontecia era o maior alvoroço! Todos corriam em busca de baldes para armazenar água e eu ainda brincava com as outras crianças na chuva. A água que caía do céu era fresquinha, contrastando com a terra quente, e quando se misturavam produziam uma fumaça que causava um clima de mistério. A forte chuva formava um pequeno lameiro, que, misturado à terra, parecia um rio de chocolate. A magia da água tocando o meu rosto era muito forte. Nessas horas o trabalho era esquecido.

Naquele tempo, a chuva era a maior alegria e a rua transformava-se em um mundo fantástico. Além das brincadeiras no lamaçal que escorria pela rua, modelávamos panelinhas de barro para brincar de comidinha, fazíamos bonecos de sabugo de milho ou casca de melancia, construíamos casinhas e redes de palha para pasturar o roçado...

Quando não chovia era uma tristeza de dar dó, não havia mais a magia e sobrava tempo para brincar pela manhã. Então, eu e a minha turma nos reuníamos nas casinhas de palha. Lá construíamos brinquedos, conversávamos, fazíamos comidinhas de frutas e inventávamos histórias cheias de mistérios e paixões.

Nossa vida se enchia de alegria, que vinha de muitos momentos: das brincadeiras, da escola, da família e de quando chovia. O fim da história? Não sei, porque ainda vivo. Enquanto viver, minhas memórias nunca irão acabar.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Maria Nonata de Abreu, 58 anos.)

# Moinho das saudades

Aluna: Brunna Eloisa Coletto

Numa noite gostosa de dormir, nas minhas contas umas três horas da manhã, selei meu cavalo e botei o pé na estrada. Ia no passinho do cavalo e nas batidas do coração. O medo tomara conta de mim. O mato, bordado de animais ferozes que a qualquer momento poderiam me atacar.

Com a esperança de que o dia amanhecesse, ia cada vez mais devagar, abrindo mato com as mãos para poder passar. Os bichos gritavam do outro lado da mata. Mas eu precisava seguir, pois ao amanhecer o moinho estaria funcionando e daria tempo de voltar no mesmo dia.

O medo era minha constante companhia. Eu sabia que ir até o moinho era meu compromisso e não podia desistir. Eu tinha de ser corajosa. Porém, a paisagem me deixava cada vez mais medrosa. Sem uma lamparina, sem nada, somente as árvores que tapavam até o clarão da lua e das estrelas. Ouvia e via coisas que só a imaginação permitia.

Chegando ao alto de um morro, avistei o céu lindo. Parecia ter chamas no horizonte e bolas de algodão. Os pássaros brincando de pega-pega e o galo em cima do poleiro a cantar. Fiquei mais tranquila quando veio em frente de meus olhos aquele maravilhoso cenário. O dia amanheceu finalmente, deixando meus medos e minhas imaginações mato adentro.

Para chegar ao moinho que se localizava na comunidade do Leste não havia estradas, eram só piques que nós mesmos fazíamos no meio do capim. Cavalgando e cavalgando, sabia que estava cada vez mais perto. Logo olhei para a frente e vi o moinho com seus enormes cata-ventos a girar.

Chegando lá, minha tia, que era dona do moinho, estava saindo de casa com um balde na mão para ir tirar leite. Quando ela me viu, largou o balde e foi até o moinho dar o que eu precisava. Com a farinha em mãos, agradei.

Peguei minhas coisas e comecei a andar, para chegar logo a casa, pois sabia que não era perto e que talvez enfrentasse dificuldades, nem um “chima” não pude tomar.

No caminho de volta, o medo não conseguiu me alcançar, porque ainda estava claro e eu podia enxergar se havia algum perigo. Os fantasmas da imaginação não se atreviam a aparecer de dia.

Alguém sempre tinha que ir buscar a farinha, que era comida no café da manhã, no almoço e no jantar. Eu, sendo a mais velha, não tinha escolha, rezava e ia.

Trilhei esse caminho por um longo período. Perdi a conta de quantas orações fiz para que a trajetória fosse tranquila. Porém, meu suspense só passou quando meu irmão cresceu e assumiu minha função. Naquele tempo tudo era mais difícil que hoje.

Tenho saudades daquele tempo em que convivía abertamente com a natureza, mesmo com seus perigos. Mas meu relógio andou muito rápido e os melhores tempos da minha vida ficaram apenas na lembrança, na memória. Fui uma das primeiras pessoas a habitar essa pequena e humilde cidade, porém com uma enorme história, de que me orgulho em contar às pessoas mais novas.

Memórias são coisas do passado que o tempo não rasura, e isso que conto é um pedaço de minha vida que guardo dentro de uma caixa chamada coração.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Natalina Gava, 78 anos.)



## Olhar distinto

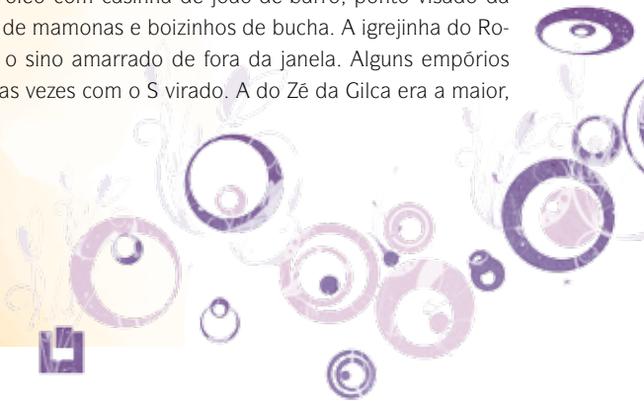
Aluna: Bruna Menezes Carvalho

Encostado à colina perdia-se um arraial entre os arvoredos dos quintais. Assim era este lugarejo quando cheguei por volta de 1933.

Estava longe de se tornar uma cidade, era o Arraial de São Vicente. Antigamente, onde hoje há a Praça Olegário Maciel, lugarejo no qual construí minha casa, era uma pracinha entranhada de gramas e vassouras onde sossegadamente pastava o gado. Pouco além, o cruzeiro, esguio na calçada, ponto certo de oração ao entardecer. O terço contemplado pelas carolas não poderia faltar, minha avó puxava a turma - como era forte aquela fé! Lá era também o ponto certo da boa prosa. Talvez seja por isso que ainda se veem os aposentados na pracinha até hoje fazendo a mesma coisa - eles conservam a tradição.

E as pouquíssimas ruelas... ah como eram estranhas! Alguns poucos casarões de pau a pique distanciados por muros de taipas, arame farpado, gravatã – planta espinhosa –, cerca de bambu forrado de melão-de-são-caetano. Nunca imaginávamos que na rua do mentrasto, onde havia sô casas de capim, verdadeiras taperas, iria haver tantos arranha-céus de oito ou dez andares. Ali distinguia-se o sobradinho do sr. Amero, com três janelas de madeira, assoalhos de tábua e forro de esteiras.

Na praça de baixo, a árvore-do-óleo com casinha de João-de-Barro, ponto visado da meninada, brincávamos de bolinhas de mamonas e boizinhos de bucha. A igreja do Rosário estava sempre bem retocada, o sino amarrado de fora da janela. Alguns empórios onde se liam “Casa Comercial”, muitas vezes com o S virado. A do Zê da Gilca era a maior,



oito portas com boas trancas, balcão corrido de fora a fora, armarinhos, chapéus, enxadas e todos os modelos de painéis de ferro. O dono era prosa, espirituoso, arrancava o couro dos fregueses e ainda achava que estava vendendo barato. Se faltava mercadoria, jurava que iria chegar na próxima semana, mas esperávamos até um mês. Dona Gilca não saía do balcão, vendia até para quem não queria comprar... mulherzinha abusada era aquela! Vivia colocando defeito nas minhas botinas para eu comprar um novo par.

Quando entrava o mês de maio, um barrado vermelho no céu, sinal de que o frio vinha chegando. Como eram lindas aquelas manhãs! Ao anoitecer, no pé do fogão, ficava me aquecendo ao calor das brasas, papai contava histórias enquanto comíamos milho e batata-doce assada. Éramos mais unidos, havia mais diálogo, parecia o milagre do inverno. Havia também o respeito entre pais e filhos.

No dia seguinte, aquele cordão de mulheres com latão e potes na cabeça, no beco da saída do arraial, a mina d'água jorrando dia e noite na biquinha da ripa. Lá também lavavam as roupas delas e dos fazendeiros ricos, proseavam, contavam “causos”, cantavam, faziam mexericos de comadres. Tudo acontecia ali naquele beco, hoje Rua Eliza Gomes. Havia até um ditado: “Quem bebe da água da biquinha daqui não sai”. Eu ajudava minha mãe a carregar os baldes e potes de água na cabeça. Enquanto isso meu pai e meus avôs trabalhavam arduamente na lavoura de café, pois aqui ainda não existia a fábrica de bonecas de papelão que deu emprego a muita gente, mas logo se transformou em fábrica de macarrão, vendido no Brasil todo.

Hoje sou adulto e percebo que muitas daquelas peculiaridades só eu via, pois enxergava com os olhos do coração. Em minha alma tudo permanece nitidamente.

(Texto baseado na entrevista feita com o sr. Ovídio Antônio de Menezes, 88 anos.)



# O guardião da estação

Aluno: Ian Azevedo de Oliveira

A estação das letras abriga muitas e muitas histórias: o toque das varinhas das fadas, o beijo dos príncipes, a cor de sangue das guerras, os mitos dos povos. Mas que pena! Deslembramos de guardar nos livros a história do negro africano, fiel morador da estação que povoou de mistério e suspense a mente das crianças da minha cidade. Eu era menino, se não me falha a memória ele já era o preto velho que enchia de alucinações e miragens nossa meninice.

A estação ferroviária fora construída como ponto de passagem que transportava a madeira e a produção agrícola do lugarejo. Trazia também tropeiros, curiosos que vinham conhecer a nossa cidade, políticos que viam nesse campo fértil esperança de novos sonhos. Tempos depois a estação ferroviária foi desativada e virou guarida para os ratos abrigarem suas ninhadas e os pardais ensaiarem suas canções durante o dia. Eram os fiéis escudeiros de seu Jerome, que fez desse ambiente seu “paço”. À noite a lua vinha iluminar o palácio e cortejar o majestoso morador. Ele era o rei e nós, seus súditos, intrigados com conhecer o mundo que o guardião mantinha naquele lugar.

A vida parecia correr nos trilhos sem estradas definidas, e o tempo apitava para dizer que ainda havia todo o tempo do mundo. O sossego era nosso cúmplice das brincadeiras de rua e das histórias das matas de jenipapo que ele contava para nós. Fugira de lá e agora o seu quilombo era a velha estação entre os destroços, não mais ouvia o grito dos açoites cortando os irmãos negros, não haveria mais a senzala da segregação e o tronco agora era adornado por suas engenhocas que meus olhos roubavam e travavam na emoção. Ficava intrigado: como numa cabeça cabia tanta arte! E meu desejo era experimentar uma a uma.

O nosso maior desafio era entrar na estação e ter um dedo de prosa com o velho guardião, que tudo observava do seu trono. Numa das visitas matinais fui surpreendido com algumas palavras. Seu Jerome fez para mim uma espécie de espingarda, e ainda me ensinou a usá-la: “Oia sô, minino, firma bem o braço e puxa; daqui tu acerta um macaco lá de riba

da serra”. Meu coração parecia participar de um confronto de luta livre e meus joelhos teimavam em aplaudi-lo. Difícil guardar tanta emoção só para mim.

Entre o aconchego da serra e a vista de Paraguaçu, lá estava seu recanto, cuja paz a molecada insistiu em tirar: atiravam pedras no telhado, justamente com os bодоques que ele mesmo construía. Trancado em seu aposento, as paredes o inspiravam a escrever. Não aprendera as letras que a escola me ensinou, mas fazia silhuetas rupestres. As paredes eram folhas de papel que ele enchia de ratos, caçadores, homens de braços abertos... tanta coisa que eu achava que ele tinha saído de uma caverna. Talvez fosse a maneira de trazer o seu povo para perto de si, ativando seu arquivo mental.

Se pudesse, teria trazido o tacho, o pilão e a “nhã”, é claro! Para enganar o estômago alternava entre ratos e pardais assados na brasa. Quando queria experimentar outros sabores, na vizinhança da Rua da Linha, na venda do Milton, sempre lhe arranjavam um pouco de cachaça e ele estalava a língua para saborear, mandava pendurar na conta. Com a riqueza de sua imaginação comprava para si “trezentos e novecentos” jegues, tão logo vendesse, teria dinheiro suficiente para quitar todas as suas dívidas.

Ainda me lembro com saudade do seu jeito estranho de desfilar pelas ruas sem calçamento horripilando o adulto. Subindo ladeiras acima, o homem de poucas palavras seguia em direção à estação. Olhar cansado que xingava os convencionalismos, ostentando uma indumentária de couro, chapéu e botas bem peculiares. Após um banho de rio, voltava para ajeitar a barba, que era aparada com brasas. Talvez por isso nos atraísse tanto.

Ficava pensando naquele misto de louco e gênio, marcado pelas injustiças da vida que a história trouxe para aturdir e inebriar o coração desta cidade, tão criança quanto eu. O trem apitou saindo dos trilhos, para seu Jerome descer. Foi descansar! E hoje seu palácio abriga muitos e muitos livros, um pouso para as letras, entre novas paredes, prateleiras e computadores.

E eu queria muito que a história de seu Jerome estivesse lá.

(Texto baseado na entrevista feita com o sr. Lucivaldo Oliveira, 45 anos.)

## O pulsar da vida no cair da tarde

Aluna: Isla Magda Moura do Nascimento

As lembranças do passado sempre teimam em aflorar-me na memória, e quando volto os olhos a percorrer o passado nos lugares por onde passei esta cidade é meu porto de paragem, porto de saudade, porto do meu coração. Porto do Jacaré, seu primeiro nome, quando ainda povoado, foi aqui que eu aportei, vindo do sertão da Bahia há aproximadamente oitenta anos, e nunca mais saí. Quando aqui cheguei ainda era uma vastidão vestida de verde e fartamente banhada pelas águas do Velho Chico, era um convite para fincar raízes, e assim o fiz. Era como estar morando no melhor lugar do mundo para quem vinha fugindo da fome e da seca do Nordeste. Aqui encontrei o que procurava: sombra e água fresca.

Logo que a minha família chegou, aqui se estabeleceu e aos poucos foi melhorando de condições. A cidade aos poucos foi progredindo e passou do antigo nome Porto do Jacaré para Itacarambi. Meu pai, para sustentar a família, começou a criar gados, porcos, galinhas, bodes, e a buscar meios de manter a família, aproveitando-se da água farta do rio.



A minha adolescência foi alegre e cheia de estripulias, apesar de ter que ajudar no serviço, auxiliando meu pai na criação de animais, tirando leite, apartando o gado, e aprontava também, como qualquer menino de minha idade. Sempre que podia, dava uma fugidinha para brincar com a molecada no monte de cascalho que ficava na beira do rio.

Lembro-me com saudade do tempo que me reunia com meus amigos e íamos tomar banho no rio, escondidos de nossos pais. Lá brincávamos de pega-pega, tubarões... Lá falávamos de nossos medos e de nossas incertezas. Conversávamos também sobre namoro, garotas e curiosidades de meninos de nossa idade.

A cidade era pacata, mas tinha uma atração, que era o que realmente trazia o mundo para dentro da cidade e colocava a cidade dentro do mundo. O único meio de transporte que ligava a cidade ao resto do país era um vapor, que recebeu o nome de “Benjamin” e passou a ser para os moradores como um deus. Sua chegada era sinônimo de festa, alegria, por meio dele tinha tudo, todos os produtos industrializados de que a cidade precisava, de medicamentos a cigarros, tecidos e mantimentos. O apito do vapor acordava a cidade para as emoções, todos corriam para o cais. Esses espetáculos nunca sairão de minha memória.

O vapor não existe mais, a cidade se modernizou, os meios de transporte se multiplicaram, o rio infelizmente não tem água em abundância como antigamente, e hoje, com cento e dois anos, morando aqui na entrada da cidade, de frente para o rio, ao entardecer relembro toda essa trajetória, de olhar fixo na curva do rio, tenho certeza de que após ter vivido todo esse tempo quero viver mais. A vida ainda pulsa dentro de mim, enquanto, meu coração bate fervorosamente e sinto a felicidade de compartilhar minhas memórias.

(Texto baseado na entrevista feita com o sr. Galdino Amado Lima, 102 anos.)

# O sonho vermelho

Aluna: Deisy Luana Teixeira de Souza

Minha mãe gosta muito de contar histórias sobre o lugar onde vivia quando criança. Ela diz que mesmo passado tanto tempo ainda se lembra com muito orgulho das alegrias e dificuldades pelas quais passou.

Como era bom viver naquele tempo, onde avós, tios e primos se reuniam nas noites penteadas para ouvir, sentados em tamboretas, histórias engraçadas e arrepiantes. Meu lugar se chama Santo Antônio, comunidade do interior de São Miguel de Guamã. Era um vilarejo de pouca gente, sem ruas, apenas caminhos, com uma casa aqui, outra acolá, e costumes modestos, como tomar banho, lavar roupa e arear panelas no igarapé, assar e comer peixe frito com açaí e chibê.

Morávamos meus pais, dez irmãos e eu numa casinha com cheiro de terra molhada, de apenas três compartimentos, e dormíamos em redes iluminadas com lamparina, pois aqui não existia eletricidade. Com o passar do tempo, as histórias de lobisomem, mulher da teta grande e outras foram ficando para trás. Onde só se ouvia o cricri dos grilos e o coaxar dos sapos passou a se ouvir o chiado de uma televisão.

Lembro-me de tudo como se fosse hoje. A primeira televisão vermelha de 12 polegadas que chegou à casa grande de meu avô. Foi uma novidade para todos os netos, que trocaram o terreiro, o céu estrelado com histórias e “causos” pelo chão frio de cimento. Os vizinhos, nem se fala! Adoraram. Não saíam da janela do vovô. As noites de luar com as inesquecíveis serenatas regadas a viola foram substituídas pelos jornais e telenovelas, até mesmo pelos comerciais. Olhávamos tudo, cheios de alegria, admiração e muito silêncio aquela pequena

e grande televisão. E o mais engraçado era que nós, crianças, não podíamos dar nenhum pio, senão vovô Antônio ameaçava desligar a TV, e isso era o suficiente.

Vinha gente de toda a redondeza ver a novela e o jornal, sendo que a primeira era mais interessante, e quando a bateria começava a descarregar, a TV era desligada nos comerciais para que não perdêssemos nenhuma parte (a TV era ligada somente à noite).

A novela custava um grande sacrifício para mim e meus irmãos, pelo fato de acordarmos às 5 horas da manhã para ir a pé por uma trilha de 5 quilômetros até o ônibus que nos levava à escola e às vezes de levarmos a valiosa bateria que pesava 7 quilos, na cabeça, para recarregar na cidade. Enquanto isso, vovô avisava a todos que não haveria novela porque a bateria estava para o “carrego”. Ainda me lembro daquelas longas e dolorosas noites sem televisão: ficávamos todos em nossas casas, mudos, esperando o sono chegar.

O tempo foi passando e meu avô, viúvo, resolveu vender suas terras e ir para a cidade. E a televisão vermelha? Bom, foi junto com ele. Foi triste para nós porque meus pais não tinham condições de comprar uma. Para os vizinhos, uma perda inesquecível também. Nossa comunidade nunca mais foi a mesma.

Atualmente, temos energia elétrica, celular, TELEVISÃO, até internet. Tudo está diferente, pois a modernidade já chegou aqui. Aqueles dias com a primeira televisão ficaram guardados na memória dos que viveram o sonho vermelho.

Após o relato de minha mãe, percebi que de seus olhos rolavam uma única lágrima, não de tristeza, mas de felicidade, por lembrar seus tempos de menina.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Maria Eliana Carvalho Teixeira, 37 anos.)

# Rainha do carnaval

Aluna: Munike Carvalho

Eu tenho guardado em minha lembrança os carnavais de rua que aconteciam nesta cidade em que vivo há muitos anos. Monte Castelo, uma cidade do planalto norte de Santa Catarina, localizada há muitos quilômetros da capital, Florianópolis.

Na década de 1970 comemoravam-se os carnavais na rua em frente à minha casa, de onde eu só podia observar, pois meu marido dizia que o programa não era apropriado para mãe de família. “Valores daquela época.”

Recordo-me de que em cima de um caminhão ficavam algumas autoridades do município, fechava-se a rua e ali tornava-se um palco de diversão, onde crianças, jovens, adultos, todos se divertiam, povo alegre, de todas as cores, pareciam não ter problemas ou naquele momento se esqueciam deles. Não existia nenhuma diferença, a alegria contagiava a todos. O momento mais esperado da noite era a escolha do rei e da rainha do carnaval.

No carnaval daquele ano ocorreu o desfile, e uma moça muito bela encantou os jurados. O delegado da época, sr. Jamir Carvalho, coroou a moça e como prêmio deu-lhe um “terreno na Lua”.

Mas a rainha dos anos 1970 levou tão a sério a história que passou a usar sua coroa diariamente. Parecia até que tinha perdido os sentidos.

Os anos passaram e ela sempre com sua coroa, como se fosse no dia em que tinha vencido o concurso de “rainha do carnaval de 70”.

Um dia uma notícia espalhou-se pela cidade: a “rainha” estava muito doente; a hora de partir chegou. Em um caixão estava a “rainha” e sua coroa.

O nome dela... Eu não me lembro, ela perdeu sua identidade na hora em que foi coroada. Hoje ela permanece viva na memória da cidade, todos se lembram com muito carinho da rainha do carnaval de 70.

Com 71 anos de idade, percebo que a cidade não cresceu muito, mesmo assim muitas coisas mudaram.

E os carnavais? Ah, esses, sim, ficaram só em minhas memórias!

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Nancy Shadeck, 71 anos.)



# Reconstruindo espaços através da memória

Aluna: Franciele de Castro Sehn

Fui me acomodando na casa do meu dindo Vilson para ouvi-lo sobre sua vida. Sempre gentil, foi contando todas essas coisas que os antigos guardam na memória. Depois de uma ou outra pergunta, quase nem precisei falar mais nada. Apenas ouvir, entregar-me à brincadeira da memória era o que bastava. Ele começou a contar sobre a construção da barragem eclusa, imagens foram se instalando em mim como quem entra num filme. As cenas que seguem são a reprodução de tudo o que escutei.

O rio Taquari, lugar onde antigamente as lavadeiras lavavam roupas, as crianças se banhavam e brincavam enquanto os pais pescavam para obter o sustento, era o espaço do qual eu fazia parte também. Lembro-me como se fosse hoje! Rumores corriam pela pequena cidade de Bom Retiro do Sul. Grande notícia para aquela época: a minha cidade havia sido escolhida para a construção de uma barragem que eclusaria a água, tornando assim possível a navegação no rio para o transporte fluvial no vale do Alto Taquari!

Nem podia acreditar! Meu querido rio, cujas águas rasas permitiam a travessia a pé, com águas pelos joelhos, totalmente modificado pelos fundos canais! Quanta terra e pedra seriam retirados do rio para afundar seu leito. Adeus, travessias a pé em águas rasantes em busca da outra margem! Muita gente para trabalhar na construção... Muita gente para lidar com tanto cimento, pedra e ferro. Aos poucos a cidade foi se modificando. Eram engenheiros, obreiros, maquinários, tudo o que tornasse possível a construção da grande eclusa. A população aumentou um pouco, novos rostos se conhecendo e novos laços sociais se criando. Foram anos de muito trabalho e empregos. Eu fui um dos “braços” recrutados para a construção. Trabalhávamos dia e noite. Foram anos de espera para alguns e de árduo trabalho para outros.

Lembro-me bem, não poderia esquecer essa data: ano de 1977. Enfim, a inauguração. O povo esperava ansiosamente a vinda do então presidente da República, Excelentíssimo Senhor Ernesto Geisel, que chegou de helicóptero. Este pousou sobre o piso de concreto junto da barragem. Foi uma cena impressionante!. Toda a comunidade bom-retireense assistia à cena do acesso do barco “Porto do Sol” com grande empolgação. Agora o rio se tornou navegável até o Porto de Estrela, onde eram carregados e descarregados os barcos que por aqui passavam com seus mais diversos carregamentos, que até hoje impulsionam o desenvolvimento do nosso país. Esse fato é motivo de orgulho para mim e meu povo.

É, foi um momento especial, inesquecível! Guardo-o bem na memória. Hoje moro bem pertinho da barragem e da minha casa acompanho o movimento dos barcos diariamente. Entre uma pescaria e outra observo a grande barragem... Tempos bons... Felizes e produtivos! Facilmente, perco-me no labirinto da imaginação. Engraçado mesmo! O passado e o presente se fundem em um só desenho. A memória brinca com o tempo.

Agora, o local é também um ponto turístico muito visitado do meu município. As pessoas vêm e vão no embalo das marolas que se formam no sobe e desce dos barcos e eu me tornei um feliz espectador da imagem que ajudei a construir.

(Texto baseado na entrevista feita com o sr. Wilson Ramos Brandão, 58 anos.)



# Revirando o baú

Aluno: João Pedro de Santana Silva

Dona Aldenora é uma senhora simples, porém simpática, cheia de vida e de uma alegria contagiante, muito falante. Logo de início percebi que ela poderia contar muita coisa. Começaram as perguntas e ela foi falando tudo.

Vou fazer de conta que estou diante de um baú onde estão guardadas todas as minhas lembranças. Eu nasci em um sítiozinho na pequena e tranquila cidade de Santana do Matos, localizada na região central do Rio Grande do Norte. Nesse sítio, passei parte da minha infância, ao lado dos meus pais, seu Severino Pereira e dona Maria Pereira. Meu pai era um homem simples, criado na roça, e minha mãe, professora.

Posso fechar os olhos e ver nossa casinha simples de tijolo, fogão a lenha e chão batido no barro. Ao lado da nossa casa meu pai colocou uma espécie de bodega onde vendia mercadorias de primeiras necessidades. Todos os moradores daquele sítio iam comprar na nossa bodega.

Tive uma infância simples, porém enriquecida de afeto e muito carinho pelos meus pais. Meus brinquedos estavam longe da modernidade dos de hoje, minha mãe costurava roupinhas e vestíamos os sabugos de milho, fazendo-os de bonecas. Até as caixinhas de fósforos viravam brinquedos. No sítio eu só fazia duas coisas: brincar e estudar, brincadeiras que não vejo as crianças de hoje brincar. As brincadeiras de que eu mais gostava eram de roda, remaninho, passar o anel e corrida de bandeirinhas. Estudar eu sempre gostei, aprendi com minha mãe, a minha primeira professora. Sou do tempo da cartilha do ABC, aprendi logo a fazer ditados, bilhetes e a redigir telegramas. A letra tinha que ser bem legível, por isso tínhamos caderno de caligrafia.

Que tempos bons!

Tempos que não voltam mais, só na lembrança dos que ficaram. Lembranças guardadas em um lugar escondido, talvez em um bauzinho chamado coração.

Em 1956, viemos morar na cidade, eu tinha quase 10 anos. Logo fiquei mocinha, as amizades começaram a surgir. Naquele tempo as amizades eram sinceras: havia demonstração de afeto, costumávamos presentear os amigos com presentes simples, mas com grande significado para quem os recebia.

Aos domingos minhas amigas inseparáveis e eu íamos à praça da nossa cidade. Era uma pracinha pequena, com bancos de pedra, e bem no meio havia um monumento onde ficava a Divulgadora Tonheca Dantas (uma espécie de rádio comunitária). As noites de domingo eram embaladas pelo som do Royal Cinema (valsa que tocava no início e no final da programação). Enquanto os jovens rapazes ofereciam músicas às suas namoradas, nós andávamos de mãos dadas. Mas tudo acabava às 21 horas, pois naquela época ainda não havia energia elétrica, a luz era fornecida por um motor a óleo, eram dados três sinais para todo mundo se recolher, no terceiro toque as luzes se apagavam.

Minhas roupas estavam sempre de acordo com a moda: saias rodadas, muitos babados, todas passadas no ferro de brasa para ficar sem um amassado.

Na minha casa havia uma radiola ABC e sempre que podia reunia todos os meus amigos para fazer soireê, hoje chamado de discoteca. Curtíamos músicas dos anos 1960 em compacto simples e LP de vinil.

Tornei-me professora, inspirada na minha mãe, durante muitos anos lecionamos juntas, fundamos uma escola particular, o Externato Senhor Sant'Ana, que durante muito tempo funcionou na área de nossa casa.

Hoje, fazendo uma retrospectiva da minha vida, vejo que muitas coisas mudaram: os valores, os costumes, a infância, mas eu procuro conservar os costumes e tradições que eu aprendi com os meus pais.”

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Maria Aldenora Pereira, 62 anos.)

# Trilhos de um pé vermelho

Aluna: Andréia Marinho de Sousa

Caminhando pela cidade, percebo como Cordeirópolis mudou. As casas, as lojas, os mercados, a praça central, nada é igual, se comparada aos meus tempos de garoto. Houve muito progresso, mas nem todas as mudanças foram para melhor.

O que aconteceu com a minha amada estação ferroviária, onde trabalhei trinta anos, seis meses e dois dias, é uma dessas mudanças que me faz chorar. Com 87 anos, é muito triste para esse “pé vermelho” – Manoel Eduardo – aceitar as ruínas que vejo hoje em seu lugar, que antes tinha um colorido especial, cheio de vida, embalado pelo doce som do trem, música para meus ouvidos. Ah, nós, moradores dessa cidade, éramos conhecidos como “pé vermelho”. porque a terra aqui é de um vermelho muito forte e, quando andávamos pelas ruas ainda não cobertas de piche, manchava nossos pés! A terra ainda continua da mesma cor, mas o asfalto já não deixa mais nossos pés coloridos.



A estação era mágica, o cheiro dos doces, da fumaça, quando o trem apitava na estação, o perfume das donzelas – hoje simplesmente garotas... Tudo se misturava no ar, criando um novo aroma.

Ficava oito horas, todos os dias, responsável pelo controle dos horários, manuseando as alavancas que colocavam os trens nos trilhos corretos, evitando que se chocassem. Cada maria-fumaça – locomotiva a vapor do início do século XX – que apitava no horizonte para ver em cada janelinha dos vagões uma face única.

Quantas lembranças boas da minha estação daqueles tempos, que agora se desbotam perante a tristeza que sinto ao vê-la, pois lutei tanto para que ela fosse amada e respeitada, mas o que observo é o contrário. Não há mais nenhuma melodia, nenhum perfume, só o latido cortante do cachorro vira-lata amarrado à carcaça enferrujada daquilo que um dia foi um carro, mato saindo de dentro da minha cabine, agora destelhada, e se espalhando pelo chão, tudo combinando com as casas arruinadas, refletindo a dura situação dos pobres moradores que compartilham com a estação a desilusão do abandono.

Essa situação de desapareço me dá muita dor no peito, fico sem fala, e essas lágrimas que umedecem minha pele enrugada são como chuva tentando trazer vida nova à terra seca. A minha idade já avançada e todo esse desrespeito com as coisas de nossa história fazem com que eu não tenha mais esperança de ver outra vez os trens passando pela nossa velha estação, levando e trazendo vida a tantos lugares.

Espero que este lugar, outrora o coração da nossa cidade, hoje símbolo do descaso social, seja revitalizado para que novas gerações amem e zelem por ele, assim como eu fiz no passado, que os próximos “pés vermelhos” olhem para o futuro, cuidando do presente e, dessa forma, possam “trilhar” suas histórias.

(Texto baseado na entrevista feita com o sr. Manoel Eduardo, 87 anos.)

# Uma história de saudades

Aluna: Kellen Cristina Felipe do Nascimento

Córrego Fundo: esse era o nome da fazenda onde nasci. Lá também vivi muitas experiências marcantes da minha vida. Às vezes fecho os olhos e tudo vem à minha mente, como se fosse coisa acontecida há pouco. Tenho poucas lembranças de minha mãe: voz carinhosa, cabelo comprido, sensação de colo. Eu tinha cinco anos quando ela faleceu. Não sei se nessa época já entendia o que a morte significava. Foi um aperto no peito e uma sensação de falta, agravados ainda mais pela morte do meu pai dois anos depois.

Ficamos sozinhos, eu e meus dois irmãos. O mais velho nos criou, tornou-se o nosso pai. Foi uma fase muito difícil, tínhamos de trabalhar bastante. Às vezes em troca de um prato de comida eu aguentava humilhações e desaforos de pessoas que eram verdadeiros estranhos para mim.

Mas a Fazenda Córrego Fundo também me traz outras recordações. Antigamente não havia festas como hoje, eram apenas umas pequenas comemorações, geralmente nas igrejas aos domingos. Nessas ocasiões, era costume usar a melhor roupa, que era muito tampada, discreta, e o bom senso pedia o uso de anáguas. Havia certa necessidade de mostrar a posição através da aparência, tanto no ouro dos colares e brincos quanto no ouro dos sorrisos. Eu não tinha roupas de festas, só um vestido de segunda mão que ganhara de uma tia. No mais, eu usava sempre o mesmo tipo de roupa, de algodão, feita lá na roça mesmo, tingida de urucum ou outras tinturas, e, como eu trabalhava muito, as roupas ficavam muito desgastadas e manchadas de sujeiras. Mesmo esfregando-as com sabugo lá no rego d'água, ficavam sempre com aspecto de sujas.

A infância quase não teve espaço na minha vida, era só trabalho. Em alguns momentos, às vezes fugindo do serviço, brincava de chutar lobeira com os meus irmãos. Era o nosso futebol. Eu parecia um moleque no meio dos meninos, correndo e pulando nos pastos, dividindo com o gado o espaço do campinho improvisado. Boneca eu só via na época de

colheita de milho, um sonho realizado em forma de roupinha verde e cabelo de vários tons: amarelo, rosa, vermelho. Entrava no milharal e escolhia a espiga com o maior cabelo e aquela seria a minha filhinha até o tempo que secava e ficava feia.

Havia apenas uma escolinha perto de casa, era só uma sala, uma professora, e os alunos de todas as idades estudavam juntos. As condições de estudo eram mínimas e eu não soube aproveitá-las direito. Eu ia a pé para a escola, carregando na capanga mais sonhos do que materiais escolares. A paisagem da Fazenda Córrego Fundo me chamava, me convidava a ficar por ali. Então eu subia nas laranjeiras e pegava as laranjas. Descascava e deixava as cascas nos galhos, em forma de cachos. Ainda havia os pés de mangaba, de manga, de pequi, de mexerica. Nestes últimos, eu me deliciava com os gomos doces. Os menores eu guardava na “gibeira” e falava que “era para o santo”.

Foi mais ou menos nessa época que o interesse por brincadeiras foi diminuindo e outras sensações foram se aflorando. Eu estava deixando de ser menina. Conheci um rapaz e foi amor à primeira vista. Um dia ele me beijou. Foi um beijo rápido, tímido, escondido, mas o medo e a preocupação a respeito do falatório das pessoas fizeram com que resolvêssemos nos casar, eu ainda muito criança, pelejando com muitas responsabilidades e serviços.

Com o casamento, vieram os filhos: doze no total, mas as dificuldades fizeram com que eu perdesse seis deles.

Com o passar dos anos, meu marido faleceu e eu continuei com meus filhos na roça por um tempo. Mas a vida estava ficando muito difícil e resolvemos nos mudar para a cidade. Hoje, meus filhos estão crescidos, deram-me muitas alegrias e muitos netos. Mas emoção maior eu sinto quando fecho os olhos marejados de lágrimas e me lembro da Fazenda Córrego Fundo. Ali, em meio a suas paisagens, casebres, taperas e pessoas, é que fiz minha vida e minha história. Uma história cheia de saudades.

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Claudomira Felipe de Souza, 70 anos.)

# Um cantinho da minha cidade, um patrimônio real

Aluna: Louise Barbosa de Souza

Nos tempos dos meus avós, a minha cidade, Vitória do Xingu, era bem pequenininha, com poucos habitantes, ainda chamada Vila Vitória, pertencia a Altamira, município vizinho, ao qual até hoje somos ligados.

Vila Vitória era um lugar pacato, com poucas casas. Ainda havia tradição de comadres e compadres, padrinhos e afilhados de fogueira, isso antes de haver energia elétrica. A energia não atendia toda a cidade, ora de um lado e ora do outro; porém, havia algo importante, um prédio, que em meio a umas dez casas, servia ao pequeno povoado: era a casa branca, mas não é como a Casa Branca dos Estados Unidos, não; é a casa branca da minha cidade, situada às margens do rio Tucuruí, um riozinho que deságua no Xingu.

Nessa casa morou um tenente, o sr. João Figueiredo, que veio para cá no tempo do governo militar. Ela era uma casa de família, mas com o passar do tempo fizeram da casa branca uma escola, onde estudaram sessenta alunos de diferentes séries, em uma só sala. Para os professores era uma situação complicada, pois, além da quantidade de alunos ser muita, eles também eram travessos. E os professores ficavam aflitos com o que os alunos faziam. Ainda bem que eu não era professora nesse tempo. Imagine que os alunos, quando ouviam o barulho de manga caindo no rio, opa... quase ia esquecendo, é que havia uma enorme mangueira atrás da casa branca; então, eles saíam escondidinhos do professor para buscar a manga no fundo do rio. Nessa época o rio era tão limpinho, e eu me divertia muito quando tomava banho nele. E as pessoas preservavam-no bastante. Hoje encontra-se poluído, é lugar onde jogam os dejetos da cidade e também as fezes dos barcos que encostam no porto da minha cidade, considerado o porto da Transamazônica.

Após ter sido escola, a casa branca tornou-se correio. E que engraçado! Ao invés de o carteiro ir deixar as correspondências na casa das pessoas, eram elas mesmas que, por falta de estrutura daquela época, iam buscar suas correspondências.



Posto de fiscalização! É, a casa branca também serviu para isso. Era onde cobravam os impostos e se faziam pagamentos.

Esse pacato lugar com umas dez casas já não existe, pois se tornou cidade, com prefeito e tudo, e sabe onde era a prefeitura? Na importante casa branca. Tudo funcionava lá. Todas as secretarias funcionavam lá dentro.

A casa branca, mesmo sendo um patrimônio vivo real, foi transformada em bar e restaurante, lugar de prostituição, bebedeira...

Infelizmente isso está acontecendo com a casa branca, e lembrar que aquele cantinho da minha cidade já foi tão respeitado! Mas eis que está chegando ao fim, pois os governantes que por aqui passaram não se deram conta da importância dela para a minha cidade, que é uma representação da cultura de Vitória do Xingu.

A casa branca resistiu a todas as mudanças ocorridas nela, mas hoje está bem colorida e sei que já não é mais aquela casa. Ah, que saudade sinto daquele cantinho da minha cidade, desse patrimônio real, que foi e é até hoje a maior referência do meu lugar!

(Texto baseado na entrevista feita com a sra. Maria Tobias Marques, 68 anos.)